

VOL. 23 - Nº 54 - JULHO DE 2012

ISSN 1676-0336

ATERCEIRIDADE

Estudos sobre Envelhecimento

SESC

Piadas de “mau gosto” sobre
pessoas idosas: a disseminação do
preconceito à velhice



ATERCEIRAIDADE

Estudos sobre Envelhecimento

ISSN 1676-0336



VOLUME 23
NÚMERO 54
JULHO 2012

Publicação técnica editada pelo
SESC – Serviço Social do Comércio

SESC - Serviço Social do Comércio

Administração Regional no Estado de São Paulo

Presidente do Conselho Regional

Abram Szajman

Diretor do Departamento Regional

Daniilo Santos de Miranda

Superintendentes

Técnico-Social Joel Naimayer Padula

Comunicação Social Ivan Giannini

Administração Luiz Deoclécio Massaro Galina

Assessoria Técnica e de Planejamento Sérgio José Battistelli

Gerentes

Estudos e Programas da Terceira Idade

Cláudio Alarcon

Adjunta Lilia Ladislau

Artes Gráficas Hércio Magalhães

Adjunta Karina Musumeci

Comissão Editorial

Celina Dias Azevedo(coordenação),
Adriese Castro Pereira, Clívia Ramiro, Denise Kieling, Francis Marcio Alves Manzoni, Jefferson Alves de Lima, Lourdes Teixeira Benedan, Malu Maia, Marta Lordello Gonçalves, Regiane Cristina Galante, Regina Célia Sodrê Ribeiro, Sandra Regina Feltran, Terezinha Augusta Gouvêa.

Secretaria Rose Meire D. Garcia de Moraes

Editoração e capa: Lourdes Teixeira Benedan

Fotografias pag. 1, 3, 6, 20, 34 e 48: Gustavo Boemer; pag. 1, 3 e 62: Lourdes Teixeira Benedan; pag. 1, 3, 80, 84, 87, 88, 91 e 4ª capa: Alice Vergueiro

Revisão: Marco Storani

Transcrição entrevista: Maria Clara Machado

Artigos para publicação podem ser enviados para avaliação da comissão editorial, nos seguintes endereços:

Serviço Social do Comércio
– SESC-SP

Revista "A Terceira Idade" – (GETI)

Av. Álvaro Ramos, 991 - 3º andar

CEP 03331-000 - São Paulo - SP

Fone: (11) 2607-8241

Fax: 2607-8250

e-mail: revista3idade@sescsp.org.br

A Terceira Idade: Estudos sobre Envelhecimento /Serviço Social do Comércio. ST – Gerência de Estudos e Programas da Terceira Idade. Ano 1, n. 1 (set. 1988) – São Paulo: SESC-GETI, 1988-

A Terceira Idade 1988 – 2006

Quadrimestral

ISSN 1676-0336

1. Gerontologia-Periódicos 2. Idosos-
Periódicos 1. Serviço Social do
Comércio

CDD 362.604

Esta revista está indexada em:
Edubase (Faculdade de Educação/
Unicamp)

Sumários Correntes de Periódicos Online

SIBRA (SIBRADID – Sistema Brasileiro de
Documentação e Informação

Desportiva – Escola de Educação Física
– UFMG)

Nota: As opiniões e afirmações contidas em artigos e entrevista publicadas na RTI são de responsabilidade de seus autores.

Sumário

7 Piadas de “mau gosto” sobre pessoas idosas: a disseminação do preconceito à velhice

Marília Viana Berzins e Elisabeth Frohlich Mercadante

19 O lazer como expressão de vitalidade na velhice: uma experiência das atividades desenvolvidas em um Centro de Convivência de Idosos em Fortaleza-CE

Kelly Maria Gomes Menezes

33 A influência do gênero e a participação da mulher na solidariedade entre gerações

Márcia Botelho de Oliveira e Neuza Maria da Silva

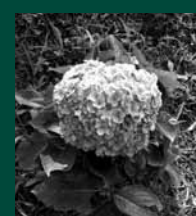
47 Idoso em instituições de longa permanência no município de Vitória/ES: relações familiares e institucionalização

Maria Goretti Dalvi

61 Identificação do perfil do consumidor idoso quanto aos hábitos alimentares e fatores determinantes de consumo de leite

Adriana Alvarenga de Sousa, Luiz Alfredo Yamanaka E. Pereira e Guilherme Lemes Sanfelice

79 Entrevista com **Valdete da Silva**



Sem motivos para rir

Acompanhamos a todo o momento os avanços da medicina anunciando novas descobertas para o diagnóstico e tratamento de doenças, o que tem colaborado para aumentar a esperança de vida da população idosa. Importantes mudanças vêm acontecendo também nas relações da sociedade com a velhice e notórios são os interesses dos estudiosos da Geriatria e Gerontologia, que muito têm contribuído para esclarecer conceitos e divulgar conhecimentos que fundamentam a assistência à população idosa em bases científicas. Apesar desse panorama favorável, o imaginário coletivo sobre a velhice ainda é carregado de preconceitos, mitos e ideias errôneas.

O relacionamento do idoso com o mundo se caracteriza pelas dificuldades adaptativas, tanto emocionais quanto fisiológicas: sua performance ocupacional e social, o pragmatismo, a dificuldade para aceitação do novo, as alterações na escala de valores e a disposição geral para o relacionamento objetivo.

Frequentemente, pessoas idosas são vítimas de rituais de agressões expressas em diversas manifestações no cenário social. A forma como os idosos são tratados pela sociedade reflete os mitos e os estereótipos sobre a velhice e os velhos, associados a atributos negativos e, neste sentido, uma simples piada pode vir carregada de preconceito.

Nesta edição, destacamos a reflexão trazida por Marília Viana Berzins e Elisabeth Frohlich Mercadante sobre as piadas tematizadas pela velhice, geralmente carregadas de discursos subjetivos e discriminatórios, e os preconceitos que elas apontam.

Publicamos, também, os seguintes artigos: “O lazer como expressão de vitalidade na velhice: uma experiência das atividades desenvolvidas em um Centro de Convivência de Idosos em Fortaleza – CE”, de Kelly Maria Gomes Menezes; “A influência do gênero e a participação da mulher na solidariedade entre gerações”, de Márcia Botelho de Oliveira e Neuza Maria da Silva; “Idoso em instituições de longa permanência no município de Vitória – ES: relações familiares e institucionalização”, de Maria Goretti Dalvi; e “Identificação do perfil do consumidor idoso quanto aos hábitos alimentares e fatores determinantes de consumo de leite”, de Adriana Alvarenga de Sousa, Luiz Alfredo Yamanaka E. Pereira e Guilherme Lemes Sanfelice.

A entrevistada desta edição é Valdete da Silva Carneiro, organizadora e líder do grupo Meninas de Sinhá, formado por 50 mulheres de variadas faixas etárias, que se uniram para recuperar o melhor de sua infância, sua história, sua cultura, expressa em cantigas de roda e cantigas de ninar. Valdete participou do Encontro Idoso Protagonista, realizado em novembro de 2008, no SESC Santo André, que destacou casos exemplares de membros da terceira idade que souberam driblar a inércia e o esquecimento e partiram para a ação, com o objetivo de colaborar na melhoria de qualidade de vida de suas comunidades.

DANILO SANTOS DE MIRANDA
Diretor Regional



Piadas de “mau gosto” sobre pessoas idosas: a disseminação do preconceito à velhice

MARÍLIA VIANA BERZINS ¹

ELISABETH FROHLICH MERCADANTE ²

RESUMO

Pessoas idosas são vítimas frequentes de violações aos direitos humanos fundamentais. A sociedade, que deveria proteger e respeitá-las, cria mecanismos de discriminação etária e preconceitos a este importante e crescente segmento etário. Na sociedade atual, os velhos ainda carregam valores negativos revelados em várias manifestações estereotipadas e desabonadoras. Propagandas, músicas, histórias infantis e piadas são apenas alguns exemplos veiculados na vida coletiva que ressaltam atitudes preconceituosas para com as pessoas idosas. Essas manifestações não colaboram na construção de uma sociedade para todas as idades. Pelo contrário, elas segregam e reforçam atributos negativos da velhice, afastando cada vez mais os sujeitos da vida social e ensinam aos mais novos o desejo de uma vida longa sem o fato de ficarem velhos. Este artigo pretende refletir sobre a perversidade e a discriminação reveladas nas piadas que circulam e desabonam os mais velhos. Refletimos sobre o discurso subjetivo e discriminatório contido nas piadas e os preconceitos que elas apontam. A percepção sobre a velhice e o envelhecimento precisa ser transformada na vida social. Torna-se necessário reafirmar o compromisso de todos para um envelhecimento digno no Brasil, de tal forma que se assuma o compromisso de proteger e defender os direitos das pessoas mais velhas, reunindo esforços para erradicar todas as formas de discriminação e violência.

Palavras-chave: violência; autoimagem; direitos e cidadania; exclusão social.

¹ Marília Viana Berzins, Assistente Social. Especialista em Gerontologia pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia e Doutora em Saúde Pública pela Faculdade de Saúde Pública da USP. mberzins@superig.com.br

² Doutora em Ciências Sociais pela PUC SP. Atualmente é professora doutora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Editora Científica da Revista Kairós Gerontologia.

ABSTRACT

Elderly people are frequent victims of fundamental human rights violations. Society, which should protect and respect them, creates mechanisms of age discrimination and attitudes of prejudice towards this important and increasingly larger group of people. In today's society, elderly people are still exposed to various stereotypes and all sorts of derogatory treatments. Prejudiced attitudes towards elderly people can be found in various elements of our collective life, including advertisements, music, children's stories and jokes, among others. These attitudes are not helpful towards building a better community. On the contrary, they segregate people and reinforce the negative characteristics of aging, pushing people away from social life, and making young people want to live longer while denying the fact that they are growing older. This article aims to discuss the attitudes of perversity and discrimination which are expressed through jokes that demean elderly people. It also discusses the subjective and discriminatory messages that are contained in those jokes as well as in their underlying prejudices. People's perceptions about old age and aging must be transformed in society. We must reaffirm our commitment to ensure the dignity of the aging process in Brazil, to protect and defend the rights of elderly people, thereby uniting our efforts to eradicate all forms of discrimination and violence

Keywords: violence, self-image; rights and citizenship, social exclusion

A velhinha foi ao médico:

- *Doutor, eu tenho problema com gases, mas realmente isso não me aborrece muito. Eles nunca cheiram e sempre são silenciosos.*
- *Eu vou lhe dar um exemplo: eu soltei gases 20 vezes, pelo menos, desde que entrei no consultório. Aposto que você não sabia que eu os estava soltando porque eles não cheiram e são silenciosos.*

O médico apenas diz:

- *Sei, sei... leve estas pílulas, tome 4 vezes ao dia e volte a semana que vem.*

Na semana seguinte, a senhora regressa:
– *Doutor, eu não sei que inferno você me deu, mas agora meus gases, embora ainda silenciosos, fedem terrivelmente!*
O médico diz:
– *Bom sinal!!! Agora que curamos seu nariz, vamos cuidar do seu ouvido!!*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*“... É fácil crer no que crê a multidão (...)
Difícil é saber o que é diverso.”*

Goethe

“O humor não é o estado de espírito, mas uma visão do mundo.”

Wittgenstein

O preconceito, expresso em diferentes formas de discriminação, é uma realidade objetiva para mulheres e homens idosos. Condições socioeconômicas, idade e muitos outros itens compõem a agenda de questões que, historicamente, estão no alvo da intolerância, da não aceitação da diferença e da exclusão da vida social dos sujeitos maiores de 60 anos. É na vida cotidiana que se materializam as mais diversas expressões de discriminação, preconceitos e estereótipos para com as pessoas que compõem a população idosa brasileira.

Frequentemente, pessoas idosas são vítimas de rituais de agressões expressas em diversas manifestações no cenário social. A forma como os idosos são tratados pela sociedade reflete os mitos e os estereótipos sobre a velhice e os velhos. Apesar do aumento do número de pessoas idosas na população revelado no Censo 2010 (21 milhões de pessoas), um contingente significativo da sociedade associa à velhice atributos negativos: os idosos são feios, doentes, infelizes, ranzinzas, improdutivos, são seres assexuados, solitários, conservadores e improdutivos. Todos desejam viver muito, mas não querem ficar velhos. Para Menezes (2010, p.

NA SOCIEDADE ATUAL, OS VELHOS AINDA CARREGAM VALORES NEGATIVOS REVELADOS EM VÁRIAS MANIFESTAÇÕES ESTEREOTIPADAS E DESABONADORAS AOS MAIS VELHOS. PROPAGANDAS, MÚSICAS, HISTÓRIAS INFANTIS E PIADAS SÃO APENAS ALGUNS EXEMPLOS VEICULADOS NA VIDA COLETIVA QUE RESSALTAM ATITUDES PRECONCEITUOSAS PARA COM AS PESSOAS IDOSAS.

31), a velhice não representa uma etapa da vida sem rosto, sem autonomia, sem capacidade e também não é vazia. Precisamos reunir esforços para lutar contra o preconceito e contra a generalização da velhice e incentivar práticas que respeitem e valorizem as diferenças da coletividade.

A discriminação etária é uma violação aos direitos humanos, assim como os estereótipos associados à velhice. Entretanto, é na prática cotidiana que o conjunto simbólico explicita os significados, sejam eles desabonadores ou não. Os idosos são apontados como caricaturas, uma generalização que não evidencia situações específicas, diferenciadas dos vários modos de viver a vida. Ao contrário, as pessoas mais velhas são homogeneizadas num único jeito de ser e viver – estereotipado – da velhice.

O pensamento generalizador sobre a velhice fundamenta-se em uma construção cultural do pensamento e também da ação – atitudes –, que são produzidos e reproduzidos em uma classificação dicotômica em que, de um lado, são colocados os idosos com suas qualidades, atributos presentes no corpo e no pensamento; de outro lado, os jovens apresentando também – de forma generalizada, homogeneizada – no corpo e no pensamento qualidades contrárias às presentes nos idosos.

A velhice é uma construção social e cultural fundamentada na classificação etária. Se assim consideramos, será importante levar em conta novas classificações que gerem novas formas de pensar, sentir e atuar culturalmente, para que a visão estereotipada, fundamentada em generalizações, naturalização e caricaturas sobre a velhice e também sobre os outros segmentos, seja modificada. Trata-se de um processo contínuo que poderá levar muito tempo e dependerá da história, das relações sociais, dos desejos e principalmente da conscientização da sociedade sobre o envelhecer, o envelhecimento e a velhice.

Na sociedade atual, os velhos ainda carregam valores negativos revelados em várias manifestações estereotipadas e desabonadoras aos mais velhos. Propagandas, músicas, histórias infantis e piadas são apenas alguns exemplos veiculados na vida coletiva que ressaltam atitudes preconceituosas para com as pessoas idosas. Essas manifestações não colaboram na construção de uma sociedade para todas as idades. Pelo contrário, elas segregam e reforçam atributos negativos da velhice, afas-

tando cada vez mais os sujeitos da vida social, e ensinam aos mais novos o desejo de uma vida longa sem ficarem velhos.

Mediante essas considerações, pretendemos refletir sobre o discurso subjetivo e discriminatório contido nas piadas que circulam na vida social a respeito de pessoas idosas, nelas identificados como “velhinho” ou “velhinha”, e os preconceitos que elas apontam. Não é o propósito do artigo estudar os aspectos linguísticos e discursivos das piadas – como são construídas –, uma vez que a análise linguística de piadas tem por finalidade explicitar como funcionam, como, por exemplo, por qual ou quais elementos linguísticos se torna engraçado algo que dito de outra forma não teria graça.

Também não é nosso interesse censurar ou acabar com o humor. O nosso objetivo é chamar a atenção para uma visão da pessoa idosa como segmento desviante, sinônimo de doente ou pouco produtivo, revelada nas piadas. É um humor que ressalta características fortes, negativas, desrespeitosas. As piadas são elementos fundamentais cujo pensamento preconceituoso e discriminatório aparece livremente nos vários espaços da vida cotidiana, protegido pelo senso de humor que lhe dá uma leveza, graça, amenizando e reforçando os preconceitos.

Desenvolvimento – o sentido das piadas

Segundo o *Dicionário Houaiss*, piadas ou anedotas são ditos ou alusões engraçadas cuja história curta apresenta um final surpreendente, e às vezes picante ou obsceno, contadas para provocar risos ou gargalhadas. Elas trazem discursos com representações grosseiras e estereotipadas, e caracterizam-se como um recurso humorístico utilizado na comédia e também na vida cotidiana.

As piadas tratam de temas que são socialmente controversos e com valores arraigados. Vários temas das piadas são recorrentes, como, por exemplo, sexo, política, racismo, alcoolismo, casamento, homossexualismo, etc. As piadas veiculam estereótipos. Exemplificando: nas piadas de português e de loiras, o atributo negativo veiculado nessas piadas é que todo português e toda loira são “burros”, idiotas ou desprovidos de inteligência.

TAMBÉM NÃO É NOSSO INTERESSE CENSURAR OU ACABAR COM O HUMOR. O NOSSO OBJETIVO É CHAMAR A ATENÇÃO PARA UMA VISÃO DA PESSOA IDOSA COMO SEGMENTO DESVIANTE, SINÔNIMO DE DOENTE OU POUCO PRODUTIVO, REVELADA NAS PIADAS. É UM HUMOR QUE RESSALTA CARACTERÍSTICAS FORTES, NEGATIVAS, DESRESPEITOSAS.

Segundo Folkis (2004, p. 26), as piadas veiculam um discurso proibido, subterrâneo, não oficial, que não se manifestaria, talvez, de outras formas. É o discurso politicamente incorreto. De maneira geral, as piadas veiculam discursos não explicitados correntemente, isto é, discursos pouco oficiais (Folkis, 2004, p. 8).

O entendimento da piada depende diretamente do conhecimento prévio do ouvinte ou do leitor sobre o assunto. Para que a piada seja compreendida, é necessário que o receptor (quem ouve) já tenha o discurso ou a apreensão simbólica da cultura dominante de que, por exemplo, os idosos são impotentes, desmemoriados ou outras características negativas. Caso contrário, a piada não fará sentido e não cumprirá a função a que se destina, fazer o receptor rir, achar graça e entender a piada. Portanto, uma piada será considerada com êxito e de sucesso quando produzir humor no receptor.

De uma maneira geral, as piadas não identificam seus autores. Elas são contadas e repetidas anonimamente. Elas circulam sem a necessidade de apresentar o seu autor. Ninguém sabe quem é o autor daquela piada que é contada nos cenários sociais. Ninguém é “*dono*” de uma piada. Para que as piadas possam continuar a existir elas necessariamente não podem ter um autor:

Ser autor de discurso implica a responsabilidade pelo que se disse. As piadas são anunciadas anonimamente: “sabe da última que ouvi?” ou “você sabe aquela piada do português que...”. Se não há autor, não há quem responsabilizar pela circulação de um discurso eventualmente proibido ou desrespeitoso: não há julgamento moral sobre quem conta piadas. Então, circulam piadas que falam de preconceitos raciais, da “burrice” dos portugueses e das loiras, de homossexuais, de “velhinhos” (Folkis, 2004, p. 12).

Qualquer discurso humorístico, na qualidade de discurso, nasce em um contexto histórico-social que o justifica e o qualifica. Certamente que ninguém é condenado por contar piadas racistas, sexistas, homofóbicas ou qualquer outra que revele preconceitos, tampouco são condenadas as pessoas que riem e acham engraçadas as piadas. Mas os preconceitos e as discriminações veiculam-se em forma de piadas. O discurso politicamente proibido pode ser pronunciado, uma vez que ele não é levado a sério, pois aparece sob forma de “brincadeira”. Aí é que julgamos que mora o perigo.

As piadas analisadas neste artigo foram selecionadas do site www.orapois.com, que reúne um conjunto extenso de piadas. As piadas

em forma de texto estão classificadas em 32 temas. Assim, podemos encontrar no site, de acordo com a classificação adotada, por exemplo: piadas de argentinos, bêbados, bichas, cornos, gagos, loiras, loucos, papagaios, sogras, portugueses, japonês, judeus/turcos, mineiros, gaúchos, caipiras, etc. É necessário ao internauta apenas selecionar o tema que deseja e escolher a piada que deseja ler. O site oferece ainda outras opções para diversão dos internautas. As outras opções são temáticas na seguinte ordem: “Destaques”, “Imagens”, “Multimídia”, “Jogos” e “Outros”.

No subtema “idosos” são registradas 313 piadas de texto. Para efeito comparativo, no subtema “português” há 950 piadas e é o tema preferido, ocupando o primeiro lugar de piadas. Em seguida, vêm as piadas subtemáticas de “Joãozinho”, com 793, e posteriormente estão as piadas de “loiras”, que reúnem 546 anedotas. Todas elas recebem títulos bem sugestivos ao conteúdo e estereótipo que cada piada ressalta, sugerindo assim que a nomeação das piadas é um elemento importante na construção destas. Alguns exemplos encontrados nos títulos das piadas: “Casa de velhinhos”; “Velhinho de 80 anos”; “Duas velhinhas numa cidadezinha”; “Velhinho tarado”; “No quarto do asilo”. O conjunto de títulos é importante por ser revelador dos preconceitos para com os idosos como, por exemplo, a infantilização (velhinho) ou o lugar adequado que os idosos deveriam ocupar (asilo) e talvez reprimir a sexualidade na velhice (tarado).

As piadas que têm as pessoas idosas como atores estão predominantemente relacionadas aos estereótipos corporais decadentes associados à doença e à incapacidade. Assim sendo, a sexualidade (principalmente masculina) está fortemente presente no conteúdo das piadas. Outros dois estereótipos predominantes são a ausência da memória associada à demência.

As piadas são contadas nos mais diversos “salões” da vida social. Esclarecemos que as piadas selecionadas neste artigo para ilustrar o preconceito estão redigidas e nomeadas da mesma forma que estão no site de origem. Não incluímos algumas piadas por considerá-las inadequadas no presente texto e poderiam causar constrangimentos aos leitores. Entretanto, a maioria das “piadas de idosos” é vexatória e obscena. O nosso propósito neste artigo é contribuir, no campo da gerontologia, para uma

AS PIADAS QUE TÊM AS PESSOAS IDOSAS COMO ATORES ESTÃO PREDOMINANTEMENTE RELACIONADAS AOS ESTEREÓTIPOS CORPORAIS DECADENTES ASSOCIADOS À DOENÇA E À INCAPACIDADE. ASSIM SENDO, A SEXUALIDADE (PRINCIPALMENTE MASCULINA) ESTÁ FORTEMENTE PRESENTE NO CONTEÚDO DAS PIADAS. OUTROS DOIS ESTEREÓTIPOS PREDOMINANTES SÃO A AUSÊNCIA DA MEMÓRIA ASSOCIADA À DEMÊNCIA.

reflexão sobre a linguagem preconceituosa e discriminatória das piadas de “mau gosto” sobre pessoas idosas. Acreditamos que não existem piadas “de bom gosto” em contraponto ao tema do nosso artigo. Uma piada só terá graça se desqualificar o sujeito que nela está referido. O objetivo é fazer o receptor rir da desqualificação do outro. A piada que está registrada no início deste capítulo é um exemplo. A personagem “velhinha”, além de soltar gases, também tem problemas de olfato e ouvido. A graça da piada está no fato de ela ter o comprometimento dos seus sentidos. A piada abaixo reforça as limitações dos sentidos:

A velha surda

A velhinha fazia tricô na antessala do médico quando a recepcionista a avverte:

– Hoje não é dia de consultas!

A velhinha continua fazendo o seu tricô. A recepcionista imagina que ela deveria ser surda e mostra-lhe a mensagem escrita num pedaço de papel.

E a velhinha:

– Por favor, leia pra mim, minha filha! Estou sem óculos

Classificamos as piadas em três temas que reforçam os mitos e preconceitos a respeito da velhice:

Dores do corpo

Dependência física, múltiplas doenças, problemas de audição, dores pelo corpo e outras limitações estão presentes nas piadas. Sob a “capa” da brincadeira, as piadas burlam a interdição dos discursos não autorizados e transgridem ao circular na vida social as discriminações para com os mais velhos. As piadas podem dizer o que se pensa sem sofrer as penalidades sociais e até mesmo jurídicas.

Listinha

A velhinha com mais de 80 anos, mas toda elétrica, entra na farmácia.

– Vocês têm analgésicos?

– Temos sim, senhora.

– Vocês têm remédio contra reumatismo?

– Temos sim, senhora.

- *Vocês têm Viagra?*
- *Temos sim, senhora.*
- *Vocês têm remédio para o coração?*
- *Temos sim, senhora.*
- *Vocês têm pomada antirrugas?*
- *Temos sim, senhora.*
- *Vocês têm gel para hemorroidas?*
- *Temos sim, senhora.*
- *Vocês têm bicarbonato?*
- *Temos sim, senhora.*
- *Vocês têm antidepressivos?*
- *Temos sim, senhora.*
- *Vocês têm soníferos?*
- *Temos sim, senhora.*
- *Vocês têm remédio para a memória?*
- *Temos sim, senhora.*
- *Vocês têm fraldas para adultos?*
- *Temos sim, senhooooora.*
- *Vocês têm...*
- *Minha senhora, aqui é uma farmácia, nós temos isso tudo. Qual é o seu problema?*
- *É que vou casar no fim do mês. Meu noivo tem 85 anos e nós gostaríamos de saber se podemos deixar nossa Lista de Casamento aqui com vocês...*

A piada acima apresenta a velhice caricaturada com todos os problemas de saúde. A lista de presentes do casal idoso está disponível na farmácia. O que a piada aponta não é o casamento dos idosos, mas sim a lista de presentes que os velhos devem ganhar dos convidados. Aí esta a graça. Pessoas idosas, ao chegar aos 80 e 85, só poderão precisar de medicamentos e insumos presentes na farmácia.

O pensamento homogeneizado de lugar social da velhice é o asilo, conforme a piada abaixo assinala. O próprio marido oferece à esposa a ida ao asilo. Reforça-se também a questão de gênero. Lugar de velho, e principalmente da mulher, é no asilo, negando aos sujeitos maiores de 60 anos o direito de viver na vida social.

Por favor, senhor...

– *Por favor, senhor, poderia contribuir com alguma coisa para o Asilo das Velhas?*

– *Claro que posso! Espere só um momento, que vou buscar minha mulher!*

Memória

As piadas sobre pessoas idosas revelam que estas têm problemas de memória e por isso são esquecidas e confusas. Os valores e atributos negativos do esquecimento são predominantes nas piadas sobre a velhice.

Memória afiada

O velhinho se gabando para a netinha fala:

– *Olha, menina, eu tenho 89 anos e não tenho problema de memória. Meu segredo é que eu sempre associo nomes a fatos do dia a dia; por exemplo, pra lembrar seu nome, eu me lembro da famosa jogadora de vôlei e pronto, seu nome é Paula.*

A netinha logo responde:

– *Vovôô, a famosa jogadora é de basquete e meu nome é Hortência.*

Uma velhinha de uns 70 anos. . .

Uma velhinha de uns 70 anos estava sentada no banco da praça, chorando copiosamente. Um sujeito que passava pelo local se comoveu com a cena e perguntou:

– *Minha senhora! Qual o motivo de tanto choro?*

– *Tenho um namorado de 22 anos em casa! - Respondeu ela aos prantos. – Ele faz amor comigo todas as manhãs, depois me traz café na cama: cereais, ovos mexidos, frutas. . .*

– *Mas por que a senhora está chorando?*

– *Ele também faz a minha sopa preferida, os meus bolinhos preferidos. . . Faz amor comigo a tarde toda. . .*

– *Mas. . . por que o choro, minha senhora?*

– *No jantar ele me faz uma comida deliciosa com um vinho excelente e uma torta deliciosa de sobremesa e depois faz amor comigo até de madrugada!*

– Então me diga! - Gritou o sujeito, aflito. – Por que cargas d’água a senhora está chorando?

Então a velhinha olhou para ele e disse:

– É que eu não consigo lembrar onde moro!

Sexualidade

Há uma crença que associa o envelhecimento a declínio e ausência do desejo sexual. Piadas de sexo entre os idosos são as preferidas. As cores, as expressões, os personagens são cruéis e na sua grande maioria recheados de vulgaridade e obscenidade. Nas piadas, os velhos são impotentes ou são tarados.

Velhinho tarado

Um senhor chega à farmácia e, enquanto esperava para ser atendido, ouviu uma moça dizer:

– Por favor, me dê um mamex!

O velhinho ficou intrigado e perguntou:

– O que é mamex?

O farmacêutico respondeu:

– É um remédio para endurecer os seios.

E o velhinho sussurra:

– Ah! Então o senhor me dê um pintex, por favor!

Aposentadoria

Quando apresentei minha documentação para a merecida aposentadoria do INSS a atendente pediu a carteira de identidade pra confirmar minha idade. . .

Procurei e percebi que esquecera o documento em casa.

– Vou até lá buscar e volto em seguida.

A mulher me disse:

– Desabotoe a camisa.

Abro a camisa meio sem jeito e revelo meu tórax cheio de cabelos grisalhos e ela comenta:

– Esse cabelo prateado é prova bastante para mim, e processa o protocolo, recebendo a documentação.

Quando chego em casa e conto pra minha vêia sobre a experiência no guichê do INSS, ela me disse:

– Você devia ter baixado as calças. Ia conseguir uma aposentadoria por invalidez!

Considerações finais

A percepção sobre a velhice e o envelhecimento precisa ser transformada na vida social. Torna-se necessário reafirmar o compromisso de todos para um envelhecimento digno no Brasil, de tal forma que se assumam o compromisso de proteger e defender os direitos das pessoas mais velhas, reunindo esforços para erradicar todas as formas de discriminação e violência. É preciso reconhecer que as pessoas idosas são sujeitos de direito pleno e que as atitudes antienvelhecimento devem ser afastadas da vida social. Esperamos que as considerações e o conteúdo do presente texto possam contribuir para uma nova atitude geradora de ressignificações sobre a velhice e o envelhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOLKIS, G. M. B. *Análise do discurso humorístico: as relações marido e mulher nas piadas de casamento*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

GEERTZ, Cliford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

TÓTORA, S. Ética da vida e envelhecimento. In: CÔRTE, B.; MERCADANTE, E. F.; GAETA, I. G. (Orgs.). *Envelhecimento e velhice: um guia para a vida*. São Paulo: Vetor, 2006.

SITES CONSULTADOS

Orapois.com. Disponível em: <www.orapois.com>. Acesso em: 17 maio 2012.

O lazer como expressão de vitalidade na velhice: uma experiência das atividades desenvolvidas em um Centro de Convivência de Idosos em Fortaleza-CE

KELLY MARIA GOMES MENEZES¹

RESUMO

Esta pesquisa objetivou refletir sobre os significados que os velhos, participantes de um Centro de Convivência, atribuem às atividades de lazer desenvolvidas. Durante todo o processo pretendeu-se analisar a questão da velhice, haja vista sua maior notoriedade decorrente do crescente aumento na população brasileira. Além disso, procurou-se perpassar a prática de lazer como expressão de vitalidade para os sujeitos. Para tanto, lançou-se mão da pesquisa quali-quantitativa em razão de a postura científica da autora estar voltada para a compreensão de processos subjetivos, sejam grupais e/ou sociais que visam ao estudo de indivíduos e dos grupos por meio de seus discursos, costumes, tradições, etc. O referido grupo é composto de 86 velhos, entre eles 62 são partícipes assíduos das atividades desenvolvidas. A construção do perfil foi realizada por intermédio de questionário contendo os dados de todos os velhos assíduos, e as entrevistas semiestruturadas foram feitas com seis deles. Com base nos resultados, concluiu-se que a prática de lazer emerge como uma oportunidade singular para que o velho participe de projetos políticos e coletivos, e esteja, também dessa forma, expressando sua vitalidade. O tema que perpassa a questão da velhice e de atividades direcionadas para o seu lazer deve ser cada vez mais considerado, merecedor de novos estudos e pesquisas que resultem em propostas de melhorias na qualidade de vida dessa população.

Palavras-chave: lazer; centro de convivência.

¹ Assistente social, mestre em Políticas Públicas e Sociedade pela Universidade Estadual do Ceará (Uece), participante do Grupo de Pesquisa: "Família, Gênero e Geração nas Políticas Públicas", professora substituta do Curso de Serviço Social da Uece. kellydemenezes@hotmail.com



ABSTRACT

The aim of this paper is to reflect on the meanings that elderly people gave to their leisure activities at a Community Center. Throughout the process, we have sought to examine the issues of old age as the older population increases in size and becomes more visible. In addition, we have sought to examine the issue of participation in leisure activities as an expression of vitality. To this end, we have conducted a qualitative and quantitative survey, since the author's scientific approach is geared towards the understanding of subjective social and/or group processes that seek to study individuals and groups based on their accounts, customs, traditions, etc. This group was composed of 86 elderly people, 62 of whom were frequent participants of the activities. The profile of the respondents was elaborated based on a questionnaire containing information about all the frequent participants, six of whom were given semi-structured interviews. Based on the results, we have concluded that the participation in leisure activities represented a unique opportunity for elderly people to participate in political and collective projects, and therefore, express their vitality. The theme of old age and leisure-oriented activities should be subject to further studies and surveys in order to improve the quality of life of the elderly population.

Keywords: leisure; community center.

INTRODUÇÃO

O envelhecimento da população constitui-se hoje como um fenômeno mundial, uma vez que os números revelam o seu crescente aumento em relação às demais faixas etárias. O contingente da população mais velha nunca foi tão grande em todo o mundo e no decorrer de toda a história.

A Contagem da População do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) mostrou que, nos últimos sete anos, a população do Brasil cresceu a uma média anual de 1,21%. No ano 2000, eram 169.799.170 milhões de habitantes, aumentando para 183.987.291 milhões em 2007. Especificamente, com relação à população velha bra-

sileira, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2009, do IBGE, revela que o número de pessoas no Brasil com 60 anos ou mais chegou a cerca de 21 milhões. Considerando apenas o segmento de pessoas com mais de 75 anos (cerca de 5,5 milhões), os mais velhos no Brasil tomam proporções significativas, mudando bastante o perfil etário até pouco tempo considerado extremamente jovem.

Mais do que nunca, o tema do envelhecimento da população brasileira tem merecido destaque especial nas pautas de discussões e deliberações de direitos específicos para os velhos – destacam-se a Política Nacional do Idoso (PNI) em 1994 e o Estatuto do Idoso em 2003 –, porém os estudos ainda são considerados incipientes para contemplar as particularidades que o segmento demanda. Nessa perspectiva, este trabalho propôs-se a estudar os velhos e sua corporeidade, expressa na vitalidade de atividades físicas, bem como suas relações, sobretudo as de poder, com as demais gerações.

Em 2012, assiste-se ao Ano Europeu de Envelhecimento Ativo e Solidariedade entre Gerações, cujo desafio é o de discutir e fomentar políticas públicas efetivas em consonância com o acelerado processo de envelhecimento e as necessidades que demandam. Os países europeus não fogem à regra de envelhecimento populacional e, por isso, revelam a preocupação com a nova velhice que se mostra cada vez mais visível e ativa.

Ademais, considera-se importante justificar a terminologia adotada em todo o trabalho com relação à palavra “velho”, tão estigmatizada e pejorativa na sociedade atual. Conforme evidencia Beauvoir: “Toda uma tradição carregou essa palavra [velho] de um sentido pejorativo – ela soa como um insulto. Assim, quando ouvimos nos chamarem de velhos, muitas vezes reagimos com cólera” (1990, p. 353). Porém, corroborando com as ideias do professor Rubem Alves (2001), e com autores especialistas em gerontologia social, entende-se que o vocábulo “idoso” é uma maneira de eufemizar (ou maquiagem) esta fase da vida, trazendo à tona apenas a questão do “politicamente correto” ou do aspecto “legal”, desconsiderando, assim, o lado afetivo, poético e, sobretudo, real da palavra “velho”.

A partir de tal relevância e urgência, este trabalho se propõe a compreender os significados que as atividades de lazer desenvolvidas em um Centro de Convivência de Idosos representam para os velhos partici-

pantes. Ademais, como objetivos específicos deste processo investigativo, destacam-se: conhecer o trabalho desenvolvido pelo Centro de Convivência em estudo, com vistas a identificar se as estratégias utilizadas contribuem para uma melhor qualidade de vida dos participantes; apreender o perfil socioeconômico dos sujeitos, haja vista a importância de se avaliar e refletir sobre seus reais modos e condições de vida; refletir como o Estado, por meio dos Centros de Convivência de Idosos, tem construído e viabilizado políticas públicas no sentido de institucionalizar direitos.

Esta investigação foi desenvolvida a partir da abordagem quali-quantitativa de caráter explicativo. Para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 6 dos 62 velhos assíduos do C.C.I., totalizando uma amostra de 10%; e os questionários para a construção do perfil foram aplicados com todos os participantes assíduos. Destaca-se que os velhos, na qualidade de sujeitos da pesquisa, ficaram cientes desta de maneira que responderam às questões espontaneamente e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Dessa maneira, este artigo está organizado em três tópicos, a seguir: Vitalidade, corpo e lazer; Os participantes do Centro de Convivência em estudo; e, por fim, tem-se as Considerações finais da pesquisa.

Vitalidade, corpo e lazer

Vitalidade, do latim *vitalitate*, cuja raiz *vita* significa vida. Segundo o dicionário, trata-se de um vocábulo que representa qualidade do que é vital; vigor, energia; conjunto das funções de um organismo. Toda a descrição mencionada tem como cerne a palavra “vida”. Em outras palavras, vitalidade é a tentativa de não morte, a reafirmação da vida, a negação do corpo e da mente para a finitude.

Na ética de Dietrich Bonhoeffer (2006), o vitalismo é compreendido como componente inato e fundamental do ser: “Bonhoeffer não aceita o mecanicismo relativizador da vida como meio para um fim, bem como não aceita o vitalismo absolutizador da vida como fim em si próprio” (COSTA JÚNIOR, 2004, p. 11). Em outras palavras, vitalidade é tudo o que é expresso dentro do equilíbrio: direitos/deveres.

VITALIDADE, DO LATIM *VITALITATE*, CUJA RAIZ *VITA* SIGNIFICA VIDA. SEGUNDO O DICIONÁRIO, TRATA-SE DE UM VOCÁBULO QUE REPRESENTA QUALIDADE DO QUE É VITAL; VIGOR, ENERGIA; CONJUNTO DAS FUNÇÕES DE UM ORGANISMO. TODA A DESCRIÇÃO MENCIONADA TEM COMO CERNE A PALAVRA “VIDA”.

Logo, vitalidade caracteriza-se como um estilo de ser, indo além da dimensão cronológica. Segundo Neri e Debert (1999), diversos outros fatores são determinantes ao se avaliar a força vital de um indivíduo, quais sejam: gênero, classe social, saúde, educação, cultura, etc. A condição social é retratada por Beauvoir (1990) como um fator extremamente limitante, embora não seja o único, para o velho vivenciar sua vitalidade.

Além da condição social, Beauvoir (1990, p. 387) alerta que o moral e o físico estão estreitamente ligados:

Para realizar o trabalho que readapta ao mundo um organismo pejorativamente modificado, é preciso ter conservado o prazer de viver. Reciprocamente: uma boa saúde favorece a sobrevivência de interesses intelectuais e afetivos. Na maior parte do tempo, o corpo e o espírito caminham juntos (...). Mas nem sempre (...). Os moralistas que, por razões políticas ou ideológicas, fizeram a apologia da velhice, pretendem que ela liberta o indivíduo de seu corpo. Por uma espécie de jogo de equilíbrio, o que o corpo perde, o espírito ganharia (...).

Monteiro (2003), em *Espaços internos e externos do corpo: envelhecimento e autonomia*, destaca que, se o velho não tiver autonomia sobre o próprio corpo, ele perderá até a possibilidade de adquirir conhecimentos, pois não estará aberto às experimentações que a vida oferece. Essa teoria é preconizada por Maturana (1997) e afirma que o organismo sempre se relacionará com o ambiente externo enquanto estiver vivo, obtendo um sentimento de pertença.

Já Giddens (1993) afirma que o corpo é o instrumento para o ser humano conhecer o mundo, os outros e a si próprio, é a força expressiva de interação e vitalidade. Além disso, o corpo é, sobretudo, uma construção cultural e, como tal, deve ser estudado contextual e especificamente. A possibilidade de estar em contato com o mundo e com o outro provoca, segundo Monteiro (2003), a sensação de vitalidade. Em outras palavras, é a partir do “corpo externo” que se sente o “corpo interno”; ou, como no dizer de Merleau-Ponty (1971): o corpo é o veículo do *ser-no-mundo*.

Costa (2001) ratifica que o corpo deve ser analisado como um espaço de expressão da vitalidade e da comunicação. Dessa maneira, observar a corporeidade significa, ao mesmo tempo, observar os modos e estilos de vida do ser humano, a ser explorado a seguir. Por sua vez, Davidoff (2001) também relata que um corpo que vive sozinho e em ambientes pequenos, como um quarto, compromete sua saúde e vitalidade tanto em nível sensorial como no comportamental, pois o corpo necessita de

espaço e movimento: “A exclusão privada favorece o processo de descorporificação, o desaparecimento da pessoa, porque sem o corpo não há existência, deixando lugar apenas para o diagnóstico” (MONTEIRO, 2003, p. 146).

A oferta de espaços maiores e coletivos pode favorecer a vida e a saúde do velho, proporcionando-lhe a sensação de vigor, bem-estar e, claro, vitalidade (PERRACINE, 2006). É por intermédio do corpo que o mundo do ser humano é construído, logo, se, com a chegada da velhice, há a total falta de movimento e pouco contato com o outro, o velho deixa de viver e passa a esperar pelo momento de sua morte; alguns, menos engajados em seus projetos, “defendem-se, entretanto, do declínio com energia, por um sentimento de dignidade. Vivem sua última idade como um desafio. É o tema da narrativa de Hemingway *O velho e o mar*” (BEAUVOIR, 1990, p. 385).

Costa Júnior (2003 p. 8) conclui vitalidade como sendo uma potência do ser, realmente existente em cada um, mas não necessariamente externalizada: “Vitalidade é o poder de criar além de si próprio sem perder a si próprio. Quanto maior poder de criação além de si próprio tem um ser, mais vitalidade tem ele”. Entre as expressões mais conhecidas da vitalidade está o lazer. O exercício físico, sob a forma do lazer, favorece a pessoa velha a minimizar os efeitos causados pelo processo natural de envelhecimento, tanto em nível patológico como, sobretudo, numa dimensão psicossocial.

O capítulo V do Estatuto do Idoso, de acordo com as exposições anteriores, é especialmente dedicado aos direitos fundamentais da educação, da cultura, do esporte e do lazer. Em relação à educação e ao lazer, é dever do Poder Público criar oportunidades de acesso a cursos especiais que abranjam também o domínio de novas tecnologias para a pessoa velha. No sentido da preservação da memória e da identidade culturais, os velhos devem participar das comemorações de caráter cívico ou cultural. Assim, mais uma vez, os velhos têm direito ao desconto de 50% em eventos artísticos, culturais, esportivos e de lazer.

Ainda que o lazer, a partir da Constituição de 1988, tenha se transformado em direito de todos os cidadãos brasileiros e uma das obrigações do Estado, seu acesso ainda é bastante limitado. As organizações dos velhos, por intermédio dos Grupos de Convivência, representam a cons-

“VITALIDADE É O PODER DE CRIAR ALÉM DE SI PRÓPRIO SEM PERDER A SI PRÓPRIO. QUANTO MAIOR PODER DE CRIAÇÃO ALÉM DE SI PRÓPRIO TEM UM SER, MAIS VITALIDADE TEM ELE”.

tituição de um espaço no qual podem ter acesso ao lazer por meio das atividades que desenvolvem. Torna-se oportuno e essencial, na atualidade, o desenvolvimento de uma dinâmica que permita pensar ou executar meios a fim de que recursos criativos para as pessoas velhas possam ser aplicados de maneira que entendam a urgência de seu crescimento demográfico e da importância de sua participação social, econômica, política e cultural. As condições atuais são muito mais favoráveis aos velhos que antigamente, pois

Em média, os nossos bisavós viviam 300 mil horas, trabalhavam 120 mil horas e dormiam 94 mil horas. Descontados os anos da infância e de escola primária, lhes restavam só 23 mil horas para dedicarem-se às atividades domésticas e de higiene, à reprodução, à diversão e à velhice (...). Por sorte, em somente duas gerações a sociedade industrial provocou mudanças revolucionárias, de modo que hoje aumentou a massa de pessoas que não trabalham no sentido estrito do termo (estudantes, desocupados e idosos), e mesmo aquela que trabalha dispõe de mais tempo livre. Subtraída a infância e os oito anos de escola obrigatória, o tempo que sobra, livre do cansaço e do sono, supera as 300 mil horas. Portanto, as horas de que dispomos como tempo vago são equivalentes a toda a existência de nossos bisavós (DE MASI, 2000, p. 316).

O lazer, na qualidade de expressão da vitalidade do ser, atua como confirmação e superação da vida, isto é, transcende o aspecto da idade na medida em que o velho age como sujeito ativo e político em seu meio social. Desenvolver potencialidades deve ser uma atividade constante humana e, na velhice, proporciona uma maior compreensão das perdas ocasionadas pelo envelhecimento. O lazer direcionado aos velhos emerge como um momento privilegiado em que os indivíduos são convencidos a assumir a responsabilidade pelo seu envelhecimento e, conseqüentemente, pela sua saúde, pela sua aparência, pela sua participação ativa na sociedade e, sobretudo, pela expressão de sua vitalidade (NERI & DEBERT, 1999).

É importante frisar, pois, que cada velho possui seu ritmo, advindo de suas experiências e modos de vida, tece a sua própria corporeidade de viver a sua vitalidade e que vai além de uma visão meramente cronológica, já que

(...) se o indivíduo se propuser, em qualquer atividade, imprimir toda a sua vontade e todo o seu potencial, fazendo o melhor possível dentro de suas limitações, não há justificativa para desânimo ou sentimento de inutilidade ou incompetência. As atividades podem ser adaptadas

de acordo com os interesses e as necessidades dos idosos, valorizando-se mais o ato em si do que a velocidade imprimida ao movimento. A sua aprendizagem se faz de modo mais lento e talvez seja por isso que eles conseguem cercar seus erros com mais prudência e rapidez (COSTA JUNIOR, 2004, p. 3).

Em outras palavras, corpo e sociedade estabelecem uma relação dinâmica e recíproca. Mais importante que a longevidade é como vivê-la, ou seja, de que maneira se vive e se propaga a própria energia. É imprescindível garantir a vivência plena da corporeidade e, conseqüentemente, da vitalidade.

Os participantes do Centro de Convivência em estudo

A instituição estudada possui um quadro multiprofissional de equipe técnica, qual seja: uma pedagoga, duas assistentes sociais, um psicólogo, uma educadora social, uma auxiliar de educação. O Serviço Social surgiu na referida instituição por volta de 2004, no final da gestão do então prefeito de Fortaleza, Juraci Magalhães. Desde 2009, o Serviço Social conta com o apoio de um CRAS.

Dentre os programas e/ou projetos que o Centro desenvolve, destacam-se: Projeto Saúde, Bombeiros e Sociedade (PSBS); Programa Nacional de Inclusão de Jovens: Educação, Qualificação e Ação Comunitária (ProJovem); Programa Falando com a Comunidade do Instituto Municipal de Pesquisas, Administração e Recursos Humanos (Imparh); Programa de Inclusão Produtiva para Mulheres do Bolsa-Família; Programa Municipal de Atendimento Básico à Pessoa Idosa (Pabi).

Após a aplicação de questionários, conclui-se que o perfil dos velhos encontrados no C.C.I. não difere muito do perfil nacional do segmento. Em geral, a maior parte é feminina; encontra-se nas faixas de idade de 60 a 70 anos e 71 a 80 anos, respectivamente; mantém-se casada; possui um nível de escolaridade considerado baixo; é custeada por meio de benefícios sociais e previdenciários, os quais somam, majoritariamente, um salário mínimo; não trabalha e, por isso, muitas vezes, sobrevive desses benefícios; reside em casa própria e moram com duas a três pessoas; é natural do interior cearense.

Já nas entrevistas semiestruturadas, que dizem respeito ao lazer, foram levados em consideração os 62 velhos assíduos do grupo, entre os quais se recortou a amostra de 10%, ou seja, o equivalente a 6 sujeitos.

Como o objetivo deste trabalho é avaliar de que forma os velhos veem o lazer no Centro, como expressão de sua vitalidade, a amostra não foi aleatória, isto é, por meio da técnica da observação direta, constatou-se quais eram as pessoas mais apropriadas no momento para as entrevistas, as que mais participavam das atividades e as frequentadoras assíduas do Centro.

Observou-se que os velhos entrevistados estão entre 60 e 75 anos de idade, são, em sua maioria, casados, possuem Ensino Fundamental completo e são todos católicos. Como já foi ressaltado, também possuem outra característica em comum: estão numa fase ativa da vida, em que a vitalidade é expressa por meio das atividades de lazer.

Para fazer esta interpretação com o maior esmero possível, ela foi realizada com o embasamento metodológico da análise de conteúdo cuja técnica abrange a exploração do material, o tratamento dos resultados e a interpretação. De acordo com Bardin (1977), o estágio de exploração do material consiste em codificá-lo numericamente, ao passo que o tratamento e a interpretação dos resultados abrangem a fase em que o pesquisador, já embasado teoricamente sobre o tema, pode inter cruzá-lo com a realidade apresentada, sistematizando as ilações. Dessa forma, “consiste em descobrir os ‘núcleos de sentido’ que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição, podem significar alguma coisa para o objectivo (sic) analítico escolhido” (BARDIN, 1977, p. 105).

De modo condensado, os entrevistados têm preferência pelas atividades religiosas, por passeios e viagens e pelas atividades festivas e de dança. Grande parte afirmou que não existem empencilhos para viver tais tipos de lazer e que, com a chegada da velhice, aumentaram as possibilidades de viver mais plenamente. Todos reconhecem o desconto de 50% em atividades lúdicas, respaldado pelo Estatuto do Idoso, porém seu acesso ainda é um processo.

Com relação às atividades desenvolvidas pelo Centro de Convivência, eles assinalaram a preferência por três delas, quais sejam: passear e/ou viajar, realizar atividades físicas e/ou esportivas, e participar das festas com música e dança. Já as atividades de que menos gostam promovidas pelo Centro são os jogos de mesa e as relacionadas com leitura e/ou escrita.

Considerações finais e sugestões

Antes de iniciar a análise final deste processo investigatório, faz-se necessário reconhecer, primordialmente, que ele não está acabado, muito pelo contrário, as proposições que serão lançadas agora neste espaço servem apenas como subsídio para reflexões maiores e mais profundas. Outrossim, não há, de forma alguma, o desejo de desmerecer esta construção teórica, pois ela é também um acréscimo aos diversos estudos que estão surgindo a respeito do velho e da velhice.

Este trabalho procurou, durante todo o processo, contribuir para uma maior reflexão sobre o velho e a velhice conectando-os com a questão do lazer como expressão da vitalidade. Então, a partir da descrição das atividades de lazer desenvolvidas pelo C.C.I. e da pesquisa realizada com os velhos participantes, puderam-se traçar as considerações que seguem.

Constatou-se, pois, ao longo de toda a trajetória da pesquisa, que o velho, independentemente de suas determinações sociais, sente a necessidade de estar em um ambiente onde o contato e a identificação com o outro sejam uma constante. Os Centros/Grupos de Convivência de Idosos, na qualidade de espaço de (re)socialização do indivíduo, representam uma nova visão de mundo para o velho, pois é ali que ele pode expressar a sua vitalidade, por meio das atividades de lazer.

A inserção do velho no grupo possibilita-lhe, portanto, um outro olhar ao mundo, na medida em que abre oportunidades ao novo. O fato de conhecer novas pessoas – mais do que isso, de identificar-se com elas – traz o sentimento de pertença e, com isso, surgem os elos de amizade, fundamentais no processo de autonomia e construção de novos projetos de vida. Ao adentrar o grupo, o velho passa a se interessar mais por si mesmo, a interagir com outras pessoas, a ser mais curioso pelo outro e por novas informações. Esses aprendizados representam uma forma de renovar a vitalidade e de viver mais e melhor.

No concernente aos resultados das entrevistas, concluiu-se que os interlocutores têm preferência pelas atividades religiosas, por passeios e viagens e pelas atividades festivas e de dança. Grande parte afirmou que não existem empecilhos para viver tais tipos de lazer e que, com a chegada da velhice, aumentaram as possibilidades de viver mais plenamente. Todos reconhecem o desconto de 50% em atividades lúdicas, respaldado

pelo Estatuto do Idoso, porém seu acesso ainda é um privilégio para poucos. Com relação às atividades desenvolvidas pelo C.C.I., eles assinalaram a preferência por três delas, quais sejam: passear e/ou viajar, realizar atividades físicas e/ou esportivas, e participar das festas com música e dança. Já as atividades de que menos gostam promovidas pelo Centro são os jogos de mesa e as relacionadas com leitura e/ou escrita.

O C.C.I. está situado no fala de Debert (1997, p. 162) em que constata que os “programas foram e estão sendo criados para resgatar a dignidade do idoso, reduzir os problemas da solidão, quebrar os preconceitos e estereótipos que os indivíduos tendem a internalizar”. É um espaço, portanto, onde o envelhecimento deixa de ser visto apenas como um momento de perdas, e passa a ser visto por meio de um novo olhar cuja experiência e os saberes acumulados no decorrer dos anos vividos fazem da velhice uma fase igualmente importante e significativa da vida.

Dessa maneira, percebeu-se que o lazer proporciona não somente o momento de diversão, o recorte do dia dos velhos, mas que possui um significado maior. As atividades de lazer emergem como uma estratégia interventiva para que o velho participe de projetos políticos e coletivos, e esteja, também dessa forma, expressando seu vitalismo. Em outras palavras, o velho sente-se vivo na medida em que tem voz, em que sua opinião é respeitada e levada em conta. No entanto, é preciso considerar também que o lazer para essa população é apenas uma parte do todo, ou seja, existem vários outros determinantes sociais que permeiam a vida desses velhos.

Considera-se, ainda, o Centro de Convivência um *locus* privilegiado para o lazer e momento de socialização dos velhos. Em razão da situação de pobreza dos partícipes, evidenciou-se que o Centro, muitas vezes, constitui-se o único equipamento social de que o sujeito dispõe para viver o seu lazer. Envelhecer com qualidade de vida na atualidade, e principalmente no Brasil, onde as desigualdades sociais e econômicas são tão acentuadas, revela-se como um grande desafio para a sociedade civil e para o Estado.

Torna-se emergencial, principalmente nos dias atuais, que o velho tenha, de fato, seus direitos garantidos, uma vez que, somente a partir de sua efetivação, ele poderá exercer sua cidadania e, assim, viver mais dignamente a sua longevidade. Para isso, é igualmente necessário que a equipe multidisciplinar existente nos Centros de Convivência esteja

preparada, tanto numa perspectiva de formação profissional como de respeito e ética, para trabalhar e conviver com os velhos.

Outro apontamento é em relação à vida pública desses velhos, pois, de acordo com o que foi estudado, há muito os Centros deixaram de ser apenas um local de vivência do lazer. Para reivindicar direitos sociais é preciso conhecê-los e, acima de tudo, elevar as discussões a um patamar coletivo cujo objetivo permeie a luta pela cidadania e a garantia de direitos. Assim, o grupo deve incentivar atividades que esclareçam os direitos do segmento, bem como propiciar momentos políticos de intervenção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABIGALIL, Albamaria; FERRIGNO, José C.; LEITE, Maria L. C. de B. Centros e grupos de convivência de idosos: da conquista do direito ao lazer ao exercício da cidadania. In: FREITAS, Elizabete V. de et al. *Tratado de geriatria e gerontologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.
- ALVES, Rubem. *As cores do crepúsculo: a estética do envelhecer*. São Paulo: Papirus, 2001.
- BARDIN, Lourence. *Análise do conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Tradução: Maria Helena Franco Monteiro. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.
- BRASIL, República Federativa do. *Constituição (1988)*. Constituição da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 1998.
- _____. *Estatuto Nacional do Idoso*. Brasília, DF, 2003.
- _____. *Política Nacional do Idoso (1994)*. Brasília, DF, 2004.
- COSTA, Geni de A. Corporeidade, atividade física e envelhecimento: desvelamentos, possibilidades e aprendizagens significativas. In: KACHAR, Vitória. *Longevidade: um novo desafio para a educação*. São Paulo: Cortez, 2001.
- COSTA JÚNIOR, J. da. O (des)interesse do jovem pela religião. *Revista Mundo Jovem*, XLI, 337, jun. 2003.
- _____. *Vitalidade como coragem de ser*. Disponível em: <www.metodista.br/ppc/correlatio/correlatio04/vitalidade-como-coragem-de-ser/>. Portal de Publicações Científicas. Universidade Metodista de São Paulo, 2004.
- DAVIDOFF, Linda L. *Introdução à Psicologia*. São Paulo: Makron Books, 2001.
- DE MASI, Domenico. O trabalho não é tudo. In: _____. *O ócio criativo: entrevista a Maria Serena Palieri*. Tradução de Lea Manzi. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- DEBERT, Guita G. *A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 12, n. 34, p. 39-56, 1997.

- GIDDENS, Anthony. Sociologia do corpo: saúde, doença e envelhecimento. In: _____. *Sociologia*. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 128-149.
- _____. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS. IBGE. *Perfil dos idosos responsáveis por domicílios no Brasil 2010*. Rio de Janeiro: Estudos e Pesquisas, Informação demográfica e socioeconômica, n. 9, 2010.
- MATURANA, Humberto. *A ontologia da realidade*. In: MAGRO, Cristina et al. (Org.). *A ontologia da realidade*. Belo horizonte: Ed. UFMG, 1997.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. Rio de Janeiro: Editora Freitas Bastos, 1971.
- MONTEIRO, Pedro Paulo. *Espaços internos e externos do corpo: envelhecimento e autonomia*. Revista Serviço Social & Sociedade, Cortez, n. 75, 2003.
- NERI, Anita L.; DEBERT, Guita G. *Velhice e sociedade*. Campinas: Papirus, 1999.
- PERRACINE, Mônica R. Planejamento e adaptação do ambiente para pessoas idosas. In: FREITAS, Elizabete V. de et al. *Tratado de geriatria e gerontologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

A influência do gênero e a participação da mulher na solidariedade entre gerações

MÁRCIA BOTELHO DE OLIVEIRA ¹

NEUZA MARIA DA SILVA ²

RESUMO

O envelhecimento da população apresenta desafios à sociedade, pois influencia o consumo, a transferência de bens, o mercado de trabalho e acima de tudo a organização familiar. Diversos estudos sobre envelhecimento tratam de idosos que se tornam dependentes, como se estes representassem um “fardo” para a família. Porém, hoje uma parcela significativa de idosos consegue manter não só o próprio sustento como também amparar sua família, por meio de ajudas domésticas e transferências financeiras. Por isso o objetivo deste trabalho foi apresentar uma breve revisão bibliográfica identificando as formas de solidariedade que são oferecidas por idosos aos seus filhos e a influência do gênero nessa solidariedade. Assim, foi realizada uma discussão acerca da realidade vivida pelos aposentados e em especial sobre os papéis sociais desempenhados por homens e mulheres idosos dentro das famílias, compreendendo as estratégias familiares na busca por melhorias na qualidade de vida. Pode-se perceber uma diferenciação entre as formas e a frequência da solidariedade oferecida pelo pai e pela mãe aos filhos, sendo que as mães ajudam duas vezes mais que os pais, tanto afetiva quanto financeiramente. Pode-se concluir que os apoios familiares parecem ser constitutivos de identidade feminina, mostrando que as mulheres estão no centro das solidariedades, tanto afetivas quanto financeiras.

Palavras-chave: solidariedade; gênero;

¹ Mestranda do Curso de Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa, Viçosa/MG.
marcia.botelho@ufv.br

² Professora Adjunta do Departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa, Viçosa/MG.
neuzams@ufv.br



ABSTRACT

The aging of the population poses new challenges to society because of its impact on the consumer, the transfer of goods, the labor market and, especially, the family organization. Several studies on aging have examined elderly people who had become dependent, as if they were a “burden” to the family. However, today a significant portion of elderly people are able to maintain themselves as well as their families, performing daily chores or providing financial support. Therefore, the purpose of this work was to provide a brief bibliographic review to identify the ways in which elderly people demonstrate their solidarity to their children as well as the influence of gender in this situation. To this end, a discussion was held about the real lives of retired people, with a particular focus on the roles elderly men and women play within their families and the strategies used by the families to improve their quality of life. It can be said that fathers and mothers demonstrate their solidarity to their children in different ways and with different frequencies, and that mothers provide twice as much support to the family as fathers, both emotionally and financially. It can be concluded that support to others in the family appears to be a primary component of identity for women, putting them at the heart of the solidarity, both emotionally and financially.

Keywords: solidarity, gender,

INTRODUÇÃO

A população de idosos de países desenvolvidos e subdesenvolvidos está aumentando cada vez mais. No caso do Brasil esse processo de envelhecimento populacional, segundo Augusto (2003), é consequência de uma série de fatores, tais como a diminuição da taxa de natalidade, em razão da introdução e difusão de métodos contraceptivos orais; o aumento da expectativa de vida; o aumento da escolaridade feminina, e sua maior inserção no mercado de trabalho. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população de idosos em 1991 era de 10.722.705, passando para 14.536.029 em 2000. Já em 2010 foram aproximadamente 21 milhões de pessoas com 60 anos ou mais de

idade, representando 11,1% da população brasileira. Estima-se que esse contingente atinja 14% no ano de 2020, e que continue a crescer a taxas elevadas (IBGE, 2010).

O envelhecimento da população apresenta desafios à sociedade, pois influencia o consumo, a transferência de bens, o mercado de trabalho e acima de tudo a organização familiar (SILVA, 2005). Diversos estudos (SANTOS, 2003; CALDAS, 2002; NERI et al., 2002; SAAD, 1997) tratam de idosos que se tornam dependentes de redes de apoio formal e/ou informal. As primeiras são representadas por hospitais, asilos e unidades de apoio domiciliar, ao passo que as redes de apoio informal funcionam baseadas na solidariedade entre gerações.

Assim, esses estudos mostram os idosos representando ônus financeiro ou mesmo como um “fardo” para a família. Porém, hoje uma parcela significativa de idosos consegue manter não só o próprio sustento como também amparar sua família, por meio de transferências financeiras (OLIVEIRA & SILVA, 2007; AREOSA & AREOSA, 2008; ALMEIDA, 1998; LEAL et al., 2007; TAVARES et al., 2011).

Desse modo, entende-se por transferências o ato ou efeito de transferir recursos em forma de bens e serviços, que se reverte em ajuda, monetária ou não, para as famílias ou os indivíduos. As transferências oferecidas pelas famílias possuem duas subcategorias: herança e transferências entre vivos. Por herança compreende-se a transmissão de propriedade financeira ou de outra natureza, para outras pessoas, após a morte de alguém. As transferências entre vivos referem-se à transmissão de dinheiro, de bens e de serviços entre pessoas vivas (SILVA, 1994).

Ao analisar alguns estudos como os de Peixoto (2005), Vitale (2005) e Guedes *et al.* (2009), pode-se classificar as transferências (entre vivos) de recursos na família ou solidariedade familiar em financeira/material e afetiva/simbólica, que juntas constituem a base das relações familiares. A transferência de recursos chamada de financeira/material corresponde a pagamento de estudos, quitação de contas domésticas (água, luz, telefone, etc.), empréstimo de dinheiro, entre outros. Ao passo que a afetiva/simbólica compreende, em geral, atividades do cotidiano como auxílio nas tarefas domésticas, levar e buscar as crianças na escola ou ao médico.

Com relação aos fatores que influenciam na solidariedade entre gerações, Saad (2004) afirma que algumas características familiares aparecem

frequentemente associadas a diferentes padrões de suporte. A importância do gênero, tanto dos pais quanto dos filhos, fica clara na definição dos fluxos de solidariedade. Uma pesquisa feita por Adams (1964) sobre os fatores que afetam a ajuda paterna aos filhos casados revelou que tal ajuda está relacionada ao tempo de casamento do filho, ao estrato ocupacional da família de origem e ao sexo do receptor. Adams sugeriu que, em razão das diferenças de gênero quanto ao treinamento para ser independente, as jovens casadas tinham maior probabilidade de aceitar e de receber ajuda de seus pais do que os rapazes casados.

Analisando os diversos trabalhos encontrados pode-se perceber outro fato que deve ser destacado: a solidariedade familiar é bidirecional. Assim como existem filhos que necessitam da ajuda de seus pais, existem pais que por motivos financeiros ou de saúde são ajudados por seus filhos (PEIXOTO, 2005). Porém, este trabalho se centrou nas solidariedades familiares financeira/material e simbólica/afetiva realizadas da geração mais velha para a mais nova.

Sendo assim, o objetivo deste trabalho foi apresentar uma breve revisão bibliográfica identificando as formas de solidariedade que são oferecidas por idosos aos seus respectivos filhos e a influência do gênero nessa solidariedade.

Para atender ao objetivo proposto foi realizada uma busca bibliográfica e posteriormente uma seleção de artigos e livros que tratam do tema. Assim, pôde-se realizar uma discussão acerca da realidade vivida pelos aposentados e em especial sobre os papéis sociais desempenhados por homens e mulheres idosos dentro das famílias, compreendendo as estratégias familiares que buscam melhorias na qualidade de vida.

Solidariedade financeira/material

No Brasil, assim como nos países da América Latina em geral, o intercâmbio de ajuda entre pais e filhos tende a acontecer ao longo de todo o ciclo de vida familiar, como se existisse uma espécie de contrato intergeracional estipulando o papel dos diferentes membros da família em cada estágio do ciclo (SAAD, 2004).

ASSIM, PÔDE-SE REALIZAR UMA DISCUSSÃO ACERCA DA REALIDADE VIVIDA PELOS APOSENTADOS E EM ESPECIAL SOBRE OS PAPÉIS SOCIAIS DESEMPENHADOS POR HOMENS E MULHERES IDOSOS DENTRO DAS FAMÍLIAS, COMPREENDENDO AS ESTRATÉGIAS FAMILIARES QUE BUSCAM MELHORIAS NA QUALIDADE DE VIDA.

OS HOMENS TRABALHAM,
EM GERAL, COMO CAMELÔS,
CARPINTEIROS, PINTORES DE PAREDE
E MOTORISTAS DE CAMINHÃO, AO
PASSO QUE AS MULHERES EXERCEM,
PRINCIPALMENTE, ATIVIDADES
DOMÉSTICAS REMUNERADAS COMO
COSTURA, LAVAGEM DE ROUPA,
PRODUÇÃO DE BOLOS E DOCES PARA
VENDER, FAXINAS EM DOMICÍLIOS
OU VENDA DE PRODUTOS DE BELEZA

Essas ajudas são usadas como estratégias de muitas famílias em momentos de dificuldades financeiras, isso porque, segundo Motta e Scott, apud Almeida (1998), existe uma parte da população que não tem condições para ter acesso ao crédito e a empréstimos, pois não possui renda suficiente para garantir o pagamento. Então, uma alternativa para essas pessoas é solicitar empréstimos a parentes. Assim, essas transferências são usadas com o objetivo de amenizar as condições precárias de vida da população de baixa renda.

Pesquisas realizadas por Williams, apud Almeida (1998), mostram a importância das transferências de renda entre famílias para manutenção da subsistência, para sobrevivência e para melhoria da qualidade de vida. A autora afirma que, em muitos casos, apesar dos recursos limitados, os familiares fornecem ajuda financeira e de outros tipos às suas redes de parentesco.

Saad (1999) estudou as transferências entre gerações no Brasil e observou que, apesar de as relações de troca entre pais e filhos assegurarem a sobrevivência nas idades mais avançadas, em decorrência da situação de carência e desemprego que predomina em grande parte da população brasileira, é crescente o número de filhos adultos dependentes dos pais idosos, fazendo com que o rendimento de pensão destes se transforme na principal fonte de renda da família.

Neste sentido, deve-se destacar a pesquisa realizada por Peixoto (2004), na qual foi mostrado que grande parte dos pais com mais de 60 anos ajuda os filhos adultos tanto por meio da prestação de pequenos serviços quanto financeiramente. E essa ajuda financeira dos pais aposentados, em especial daqueles que têm duas fontes de renda – aposentadoria e trabalho informal, por exemplo –, desempenha um papel decisivo na organização familiar. Isso também é visto em estudos de Camarano (1999a) e Pessoa (2007), os quais mostram que as famílias brasileiras compostas de pessoas aposentadas se encontram em melhor situação econômica que as outras. Pesquisas de Oliveira e Silva (2007) corroboram essa assertiva quando destacam que as famílias que possuem mulheres aposentadas estão em melhores condições econômicas que as demais, pois as mulheres estão no centro das transferências de recursos.

Peixoto (2004), numa pesquisa com idosos, na cidade do Rio de Janeiro, que recebem pensão de aposentadoria de até sete salários mínimos,

constatou que muitos desses aposentados continuam a trabalhar mesmo depois da aposentadoria. Os homens trabalham, em geral, como camelôs, carpinteiros, pintores de parede e motoristas de caminhão, ao passo que as mulheres exercem, principalmente, atividades domésticas remuneradas como costura, lavagem de roupa, produção de bolos e doces para vender, faxinas em domicílios ou venda de produtos de beleza. Um dos motivos de esses idosos continuarem trabalhando mesmo depois de se aposentar é a necessidade de socorrer financeiramente filhos e netos, pois esses aposentados afirmam saber o quanto a família depende dessa ajuda. Vários entrevistados confessaram estar cansados e ter vontade de se aposentar definitivamente, contudo, enquanto a família necessitar, eles continuam trabalhando.

Oliveira e Silva (2007) analisaram as transferências financeiras feitas aos parentes por pessoas idosas, por meio de empréstimos tomados de instituições financeiras, chegando a duas conclusões interessantes. Primeiramente, entre as mulheres pesquisadas, 63,7% tomaram empréstimo para repassar o valor a seus filhos, ao passo que apenas 30,7% dos homens usaram essa mesma estratégia. Como pode ser visto, as mulheres aposentadas que participaram dessa pesquisa ajudaram os filhos financeiramente duas vezes mais que os homens.

Em segundo lugar, esse estudo realizado no município de Viçosa/MG sugeriu que a percepção dos filhos quanto à dívida assumida junto a seus pais e mães era variável: quando a ajuda era oferecida pelo pai, 26,7% dos filhos lhe devolveram a quantia emprestada; ao passo que nos casos em que a ajuda era oferecida pela mãe, o percentual de devolução caiu para 14,3%. Assim, na maioria das vezes (85,7%) em que as mães utilizaram empréstimos tomados em instituições financeiras para ajudar seus filhos, elas assumiram uma dívida sem que aqueles se sentissem na obrigação de pagar o empréstimo.

Um dos motivos pelos quais o filho não reembolsa a mãe parece estar ligado à percepção do papel social da mãe como sendo a pessoa que tem por obrigação cuidar e suprir as necessidades dos filhos. Do mesmo modo, a mãe parece se responsabilizar pelo pagamento do empréstimo feito para ajudar um filho, com base na ideia de que esse é o papel de mãe e é esse o comportamento que a família espera dela: que realmente ela seja a responsável por ajudar financeiramente os filhos e não cobrar reembolso.

UM DOS MOTIVOS PELOS QUAIS O FILHO NÃO REEMBOLSA A MÃE PARECE ESTAR LIGADO À PERCEPÇÃO DO PAPEL SOCIAL DA MÃE COMO SENDO A PESSOA QUE TEM POR OBRIGAÇÃO CUIDAR E SUPRIR AS NECESSIDADES DOS FILHOS.

Solidariedade afetiva/simbólica

De acordo com os dados de uma pesquisa sobre gênero, família e trabalho realizada por Peixoto (2005), as relações entre avôs/avós, filhos e netos demonstram que, quando as mães trabalham fora de casa, “ficar” e “cuidar” dos netos são tarefas das avós. Os homens aposentados auxiliam seus filhos duas vezes menos que as aposentadas nas atividades domésticas. Esse estudo também mostrou que apenas 6,6% das mulheres de baixa renda que trabalham fora têm empregada doméstica. Isso porque são as avós que ajudam as filhas, assumindo a tarefa de prover e educar os netos. Nessa mesma temática, Moragas (2004) alerta sobre a possibilidade de essa ajuda resultar no abuso dos filhos, que deslocam todas as obrigações aos seus pais (avós) para o cuidado de seus filhos (netos).

Com relação às mulheres aposentadas, a pesquisa de Attias-Donfut (1995) confirma que são elas que, em geral, organizam-se em redes de ajuda para a realização das atividades domésticas; ao passo que os homens aposentados são duas vezes menos solidários e, essencialmente, para os trabalhos manuais e pequenos reparos.

Numa análise comparativa, Rossi (1986) e Shi (1993) declaram que as mulheres, em geral, aparecem muito mais engajadas em fluxos de apoio que os homens, o que costuma ser atribuído não só às suas maiores necessidades financeiras, mas também ao fato de serem elas mais apegadas emocionalmente aos filhos.

NUMA ANÁLISE COMPARATIVA, ROSSI (1986) E SHI (1993) DECLARAM QUE AS MULHERES, EM GERAL, APARECEM MUITO MAIS ENGAJADAS EM FLUXOS DE APOIO QUE OS HOMENS, O QUE COSTUMA SER ATRIBUÍDO NÃO SÓ ÀS SUAS MAIORES NECESSIDADES FINANCEIRAS, MAS TAMBÉM AO FATO DE SEREM ELAS MAIS APEGADAS EMOCIONALMENTE AOS FILHOS.

Dados da pesquisa de Leal *et al.* (2007), na qual foi investigada a importância das transferências e trocas com idosos no contexto familiar, corroboram com os citados acima, nos quais a questão do gênero nas ajudas dos idosos na família se compatibiliza com a forma “tradicional” de se desempenhar as funções do lar. Os trabalhos de manutenção doméstica, na forma de consertos e reformas, eram realizados predominantemente pelos homens, ao passo que as tarefas como cuidar de crianças e limpar a casa predominavam entre as mulheres. Essa pesquisa também expôs que as mulheres ajudam os filhos adultos duas vezes mais que os homens, 66,6% e 35,0%, respectivamente.

As marcas de gênero na solidariedade familiar

No século XIX, houve no Brasil uma focalização na educação feminina, mostrando a necessidade de ensinar as mulheres a ler, escrever e contar, de modo que se permitisse que estas se tornassem mães aptas a formar cidadãos bons e virtuosos. A educação voltada para a mulher consistia em aperfeiçoar as habilidades domésticas, preparando-a para o papel de mãe e esposa, pois as ações sociais exercidas por essas mulheres deveriam continuar restritas aos domínios domésticos (GALINDO, 1999).

O objetivo da educação da mulher para exercer apenas os papéis de mãe e esposa demonstra a representação existente do “lar” como esfera feminina e da “rua” como esfera masculina, fazendo com que a vida doméstica seja o “destino natural” da mulher. Segundo Passos (1999), essa divisão sexual é adquirida culturalmente e transmitida seguindo a tendência de acreditar que esse direcionamento é natural: o masculino segue o caminho da agressividade, criatividade e do mundo externo, ao passo que o feminino, o da passividade, menor criatividade e do mundo doméstico.

No campo profissional, uma das consequências dessas atitudes é a mulher obter menos prestígio e carreiras mal remuneradas, exercendo atividades na área de ensino, cuidar e servir, como, por exemplo, secretárias, enfermeiras e professoras. Sendo essas atividades exercidas concomitantemente com os trabalhos domésticos (PASSOS, 1999).

Diante de tal situação, pode-se notar que as mulheres idosas de hoje tiveram muito menos oportunidades educacionais e de participação no mercado que os homens. Em consequência disso, atualmente essas mulheres possuem rendimentos mais baixos e mais escassos (MOTTA, 1999). Neste sentido, Attias-Donfut (2004) acrescenta que as mulheres são penalizadas na velhice por terem dividido seu tempo de vida entre o trabalho e as tarefas domésticas.

Entretanto, de acordo com a pesquisa de Oliveira e Silva (2007), mesmo passando por dificuldades por causa dos baixos rendimentos e se privando de algumas coisas, as mulheres são maioria em se tratando de solidariedade financeira.

O OBJETIVO DA EDUCAÇÃO DA MULHER PARA EXERCER APENAS OS PAPÉIS DE MÃE E ESPOSA DEMONSTRA A REPRESENTAÇÃO EXISTENTE DO “LAR” COMO ESFERA FEMININA E DA “RUA” COMO ESFERA MASCULINA, FAZENDO COM QUE A VIDA DOMÉSTICA SEJA O “DESTINO NATURAL” DA MULHER.

HISTORICAMENTE A INVISIBILIDADE DA MULHER MASCAROU O SEU PAPEL COMO SUJEITO ATIVO NO MUNDO DO TRABALHO E SUA CONSEQUENTE CONTRIBUIÇÃO NA VIDA PRIVADA, PARTICULARMENTE PARA A SOBREVIVÊNCIA FAMILIAR. OS RELATOS HISTÓRICOS DAVAM DESTAQUE AO HOMEM, BRANCO E ADULTO, DAS CAMADAS MAIS ALTAS DA SOCIEDADE.

Souto (1999) ressalta que são as mulheres idosas também que assumem novos papéis na família, como a responsabilidade dos cuidados dos netos pela necessidade da participação da mulher no trabalho fora de casa.

Corroborando com Souto (1999), Vitale (2005) afirma que, no esteio das relações entre as gerações, os avós, mais especialmente as mulheres, convivem muitas vezes com a responsabilidade sobre o cuidado dos netos, somada às ajudas financeiras oferecidas aos filhos. Isso porque é das mulheres que a família espera – e delega – a assistência à geração mais nova.

Outra perspectiva existente é a das mulheres sós. Isso porque, como as mulheres excedem numericamente os homens – constituem pelo menos 60% da população idosa –, terminam ficando sem par estável, uma vez que os homens morrem mais cedo. Com isso, existe uma significativa parcela de mulheres solteiras, separadas ou viúvas, terminando por assumir um posto tradicionalmente masculino, mas crescentemente feminino, de chefes de família (MOTTA, 1999). Essas são as “avós chefes de família”, provedoras de um grupo familiar acerca do qual Camarano (1999b) afirma que existem poucas pessoas trabalhando. Com isso, pode-se perceber que nesses casos as mulheres contribuem afetiva e financeiramente para a manutenção da família.

Os diversos, novos e velhos, papéis desempenhados pelas mulheres aposentadas na família proporcionam a elas bem-estar, pois, de acordo com Souto (1999), os idosos buscam uma revalorização perante a sociedade, uma sensação de pertença, por meio da qual se sintam parte fundamental da família, sentimento esse que é perdido com a chegada da velhice.

Historicamente a invisibilidade da mulher mascarou o seu papel como sujeito ativo no mundo do trabalho e sua consequente contribuição na vida privada, particularmente para a sobrevivência familiar. Os relatos históricos davam destaque ao homem, branco e adulto, das camadas mais altas da sociedade. Essa invisibilidade passou, então, a ser questionada e modificada pela ação de pesquisadores e estudiosos que, conscientes do lugar da mulher na história, passaram a respeitar suas especificidades culturais.

Com o advento do feminismo são mostradas em várias pesquisas as conquistas sociais das mulheres, embora na área de ciências sociais seja nítida a escassez de estudos sobre os homens de idade. Motta (2009) realizou uma das poucas pesquisas sobre a participação do homem idoso na sociedade atual. A autora mostra que historicamente os homens ficaram socialmente quietos, pois não tinham revolução de gênero a fazer. Os homens não precisavam porque sempre tiveram liberdade de sair e se reunir em praças e jardins com outros homens para conversar. Essa constatação mostra, mais uma vez, que a educação do homem voltada para a vida pública e o trabalho acabou por fazer com que estes se engajassem, em menor proporção que as mulheres, nas atividades domésticas e nas necessidades dos filhos.

É CLARAMENTE VISÍVEL A DIFERENÇA EXISTENTE ENTRE AS FORMAS DE SOLIDARIEDADE, AFETIVA E FINANCEIRA, OFERECIDAS PELO PAI E PELA MÃE AOS FILHOS. OUTRA DIFERENÇA OBSERVADA É NA FREQUÊNCIA DA AJUDA, SENDO QUE AS MÃES AJUDAM DUAS VEZES MAIS QUE OS PAIS, TANTO AFETIVA QUANTO FINANCEIRAMENTE.

Conclusão

Os resultados encontrados nas bibliografias consultadas demonstram a grande importância de conceder aos indivíduos idosos oportunidades de inserção nas decisões sociais da sua própria vida. A significativa participação, tanto na solidariedade financeira quanto na afetiva, indica que eles estão muito além da condição de serem tratados somente como objetos de cuidado, tendo se mostrado, muitas vezes, como um apoio fundamental no qual a família se ampara.

Assim, faz-se necessário compreender o “novo” papel desempenhado pelos idosos em nossa sociedade, gerado por novas responsabilidades sociais que eles passam a assumir. Sendo assim, a imagem que se tem de aposentados como figuras dependentes e quase inválidas para o trabalho deve ser repensada, tanto pelo senso comum quanto pela comunidade científica.

É claramente visível a diferença existente entre as formas de solidariedade, afetiva e financeira, oferecidas pelo pai e pela mãe aos filhos. Outra diferença observada é na frequência da ajuda, sendo que as mães ajudam duas vezes mais que os pais, tanto afetiva quanto financeiramente. Assim, como cuidar dos outros faz parte do papel socialmente construído, designado às mulheres, são elas as responsáveis por auxiliar, ajudar e cuidar de seus filhos e depois de seus netos.

É IMPORTANTE CONSIDERAR A CATEGORIA GÊNERO EM PESQUISAS E ESTUDOS QUE ANALISAM QUALQUER ASPECTO RELACIONADO AO ENVELHECIMENTO, POIS APESAR DE HOMENS E MULHERES TEREM EM COMUM A SITUAÇÃO DA VELHICE, ALÉM DAS DIFERENÇAS BIOLÓGICAS DE CADA SEXO, ELES FORAM EDUCADOS DE FORMAS DISTINTAS.

No Brasil, a perspectiva de gênero dentro das solidariedades familiares tem sido pouco debatida, tanto nos estudos sobre as questões contemporâneas quanto naqueles que pesquisam e tratam do envelhecimento. É importante considerar a categoria gênero em pesquisas e estudos que analisam qualquer aspecto relacionado ao envelhecimento, pois apesar de homens e mulheres terem em comum a situação da velhice, além das diferenças biológicas de cada sexo, eles foram educados de formas distintas. Isso fez com que homens e mulheres idosos de hoje trilhassem caminhos sociais diferentes.

Essa educação adquirida culturalmente, baseada na divisão sexual, foi construída pela própria sociedade, colocando os indivíduos em trajetórias diferentes, em que as mulheres foram educadas e treinadas para preparar-se para o papel de mãe e esposa. Assim, o “destino” das mulheres idosas de hoje é a vida doméstica e a família, e essa circunstância é um dos fatos que podem explicar essa maior participação das mulheres na solidariedade familiar.

Sendo assim, pode-se perceber que as aposentadas serem lembradas como figuras de cabelos brancos, fazendo crochê e cuidando da horta não corresponde ao perfil das aposentadas atuais, considerando as mudanças pelas quais as famílias passaram nas últimas décadas.

Diante disso, pode-se concluir que as mudanças dos laços familiares e a escassez de recursos que atinge as famílias demandam novos papéis, apresentando novas exigências para as mulheres idosas, que acabam por se tornar personagens de grande importância, tanto como auxiliares nas atividades domésticas e no cuidado com os netos quanto no sustento dos filhos adultos, mediante contribuições financeiras. Portanto, os apoios familiares parecem ser constitutivos de identidade feminina, mostrando que as mulheres estão no centro das solidariedades entre gerações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMS, B. N. Structural factors affecting parental aid to married children. *Journal of Marriage and the Family*, v. 26, p. 327-331, 1964.
- ALMEIDA, A. A. *Desemprego e transferências familiares*. 1998. 48p. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa/MG, 1998.

- AREOSA, S. V. C.; AREOSA, A. L. Envelhecimento e dependência: desafios a serem enfrentados. *Textos & Contextos*, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 138-150. jan./jun. 2008.
- ATTIAS-DONFUT, C. *Les solidarités entre générations; vieillesse, familles*, État. Paris: Nathan, 1995.
- ATTIAS-DONFUT, C. Sexo e envelhecimento. In: PEIXOTO, C. E. (Org.). *Família e envelhecimento*. 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004. p. 85-105.
- AUGUSTO, H. A. *Aposentadorias rurais e desenvolvimento municipal: o caso de Medina, nordeste mineiro*. 2003. 175 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Lavras, Lavras/MG, 2003.
- CALDAS, C. P. Contribuindo para a construção da rede de cuidados: trabalhando com a família do idoso de síndrome demencial. *Textos sobre envelhecimento*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, 2002.
- CAMARANO, A. A. *Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros*. Rio de Janeiro: Ipea, 1999a.
- _____. *Como vai o idoso brasileiro?*. Rio de Janeiro: Ipea, 1999b.
- GALINDO, D. Educação feminina no século XIX: a formação de mães e esposas no Padre Carapuceiro (1832-1842). In: ÁLVARES, M. L. M.; SANTOS E. F. (Org.). *Olhares & diversidades: os estudos sobre gênero no Norte e Nordeste*. Belém: Gepem/CFCH/UFGPA; Redor – N/NE, 1999. p. 235-249.
- GUEDES, G. R.; QUEIROZ, B. L.; VANWEY, L. K. Transferências intergeracionais privadas na Amazônia rural brasileira. *Nova Economia*, Belo Horizonte, v. 19, n. 2, set. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-63512009000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: fev. 2012.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Dados do Censo 2010*. Diário Oficial da União, 4 nov. 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1233&id_pagina=1>. Acesso em: fev. 2012.
- LEAL, S. M. R. A.; SILVA, N. M.; LORETO, M. D. S.; TEIXEIRA, K. M. D. A importância das transferências e trocas com idosos no contexto familiar social – Teixeira-MG. *Oikos*, Viçosa, v. 18, n. 1, p. 156-177, 2007.
- MORAGAS, R. M. As relações intergeracionais nas sociedades contemporâneas. *A Terceira Idade*, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 7-27, jan. 2004.
- MOTTA, A. B. Mulheres de mais idade. In: ÁLVARES, M. L. M.; SANTOS E. F. (Org.). *Olhares & diversidades: os estudos sobre gênero no Norte e Nordeste*. Belém: Gepem/CFCH/UFGPA; Redor – N/NE, 1999. p. 167-178.
- _____. O homem idoso e sua participação na sociedade atual. *A Terceira Idade*, São Paulo, v. 20, n. 46, p. 21-32, out. 2009.
- NERI, A. L.; PINTO, M. E. B.; SOMMERHALDER, C.; PERRACINI, M. R.; YUASO, D. R. *Cuidar de idosos no contexto da família: questões psicológicas e sociais*. Campinas: Alínea, 2002.
- OLIVEIRA, M. B.; SILVA, N. M. Empréstimos pessoais como meio de transferir recursos entre gerações: um estudo de caso. In: SIMPÓSIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 16., 2007, Viçosa. *Anais...* Viçosa, UFV, p. 1.064, 2007.

- PASSOS, E. Gênero e identidade. In: ÁLVARES, M. L. M.; SANTOS E. F. (Org.). *Olhares & diversidades: os estudos sobre gênero no Norte e Nordeste*. Belém: Gepem/CFCH/UFPA; Redor – N/NE, 1999. p. 19-32.
- PEIXOTO, C. E. Aposentadoria: retorno ao trabalho e solidariedade familiar. In: PEIXOTO, C. E. (Org.). *Família e envelhecimento*. 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004. p. 57-84.
- _____. Solidariedade familiar intergeracional. In: ARAÚJO, C.; SCALON C. (Org.). *Gênero, família e trabalho no Brasil*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p. 225-240.
- PESSÔA, E. M. *Políticas sociais alternativas à institucionalização de idosos em municípios da região das Missões no Rio Grande do Sul*. 2007. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2007.
- ROSSI, A. S. Gender, personal traits, and the exchange of help between parents and adult children. In: ANNUAL MEETING OF THE AMERICAN SOCIOLOGICAL ASSOCIATION, 81., New York, Anais... 1986.
- SAAD, P. M. Transferências de apoio entre o idoso e a família no Nordeste e no Sudeste do Brasil. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Brasília, 14 (1/2), 1997.
- _____. Transferências de apoio entre gerações no Brasil: um estudo para São Paulo e Fortaleza. In: CAMARANO, A. A. (Org.). *Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros*. Rio de Janeiro: Ipea, 1999.
- _____. Transferências de apoio intergeracional no Brasil e na América Latina. In: CAMARANO, A. A. (Org.). *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?* Rio de Janeiro: Ipea, 2004. p. 169-209.
- SANTOS, S. M. A. *Idosos, família e cultura: um estudo sobre a construção do papel do cuidador*. Campinas: Alínea, 2003.
- SHI, L. Family financial and household support exchange between generations: a survey of Chinese rural elderly. *The Gerontologist*, v. 33, n. 4, p. 468-480, 1993.
- SILVA, J. L. A. *O idoso do município de Arambaré-RS: um contexto rural de envelhecimento*. 2005. 177 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2005.
- SILVA, N. M. *A cross-sectional study of inter-household transfers of income and time*. 1994. 124p. Tese (Doutorado em Economia da Família e do Consumidor) – Purdue University, 1994.
- SOUTO, E. M. Neve na Serra: os grupos de convivência de idosos como espaço alternativo de sociabilidade feminina. In: ÁLVARES, M. L. M.; SANTOS E. F. (Org.). *Olhares & diversidades: os estudos sobre gênero no Norte e Nordeste*. Belém: Gepem/CFCH/UFPA; Redor – N/NE, 1999. p. 179-192.
- TAVARES, V. O.; TEIXEIRA, K. M. D.; WAJNMAN, S.; LORETO, M. D. S. Interface entre a renda dos idosos aposentados rurais e o contexto familiar. *Textos e Contextos*, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 94-108, jan./jul. 2011.
- VITALE, M. A. F. Avós: velhas e novas figuras da família contemporânea. In: ACOSTA, A. R.; VITALE, M. A. F. *Família: redes, laços e políticas públicas*. 2. ed. São Paulo: Cortez/ Instituto de Estudos Especiais – PUC/SP, 2005. p. 93-105.

Idoso em instituições de longa permanência no município de Vitória/ES: relações familiares e institucionalização

MARIA GORETTI DALVI¹

MARIA HELENA RAUTA RAMOS²

RESUMO

O objetivo deste artigo é caracterizar o perfil de idosos quanto a: raça, escolaridade, faixa etária, estado civil e número de filhos, e demonstrar as relações familiares, bem como os fatores que os levaram à institucionalização. Com base na literatura e nos resultados da pesquisa de campo, busca elementos que possam contribuir para a melhoria do atendimento desses cidadãos, assim como ampliar as redes de apoio social. Foi feita uma pesquisa por meio da aplicação de formulários semiestruturados, em uma amostra de idosos de três instituições de longa permanência do município de Vitória/ES – duas privadas e uma filantrópica –, entre outubro de 2010 e fevereiro de 2011. Sendo os dados analisados por meio do método qualitativo. Os resultados indicaram que a idade por si não é um determinante de asilamento. Entretanto, o declínio das condições de saúde, a perda da autonomia e da independência, a fragilidade dos laços afetivos e a ausência de disponibilidade de cuidador na família são fatores cruciais. Apresenta, ainda, indicativo de que a maioria dos idosos já vivia, antes do asilamento, uma situação de solidão dentro de suas famílias.

Palavras-chave: instituições de longa permanência; relações familiares; políticas públicas.

1 Assistente Social; Especialista em Família; Mestre em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local pela Santa Casa de Misericórdia de Vitória - EMESCAM

2 Assistente Social; Especialista em Família; Mestre em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local pela Santa Casa de Misericórdia de Vitória - EMESCAM

PROFETA+GENTILEZA+E!
ALUCO+BELEZA+SORRINDO
CONTENTE+SEMPRE+COM+JESSUS
COM+NOSCO+PREZENTE+AMANDO+E
ESPEITANDO+M+NATUREZA+E+DEUS
OSSO+PAI+CRIADORR+D+A+TUDO+DE+GR
M+POR+JESSUS+DISSE+GENTILEZA

NTO+
S+BO
SAMEN
FERNO+
+DO+POR
YHR+CU
SSUSS+D

ABSTRACT

This article aims to provide a profile of elderly people in terms of race, education, age, marital status and number of children, and discuss the family relationships and the factors that led to their institutionalization. Based on previous studies and on fieldwork results, this article seeks ways to improve services and increase social support networks for the elderly. Between October 2010 and February 2012, a survey was conducted using semi-structured questionnaires to interview a sample of elderly people from three different long-term care facilities in the city of Vitória/ES, two of which were private and one of which was philanthropic. The collected data was analyzed qualitatively. The results indicated that age, by itself, is not a determining factor when deciding whether to send an elderly family member to an elderly care facility. However, decline in health status, loss of autonomy and independence, fragility of emotional bonds, and lack of availability of a caregiver in the family were found to be crucial factors. The results also indicated that, prior to being admitted to an elderly care facility, most elderly people were experiencing loneliness in the context of existing family relationships.

Keywords: Long-term institutions, family relationships, public policies.

INTRODUÇÃO

O rápido crescimento da população mundial na primeira metade do século XXI tem indicado que o número de pessoas com 60 anos ou mais, que era de aproximadamente 600 milhões em 2000, chegará a 2 bilhões em 2050. Esse aumento será mais acelerado e mais percebido nos países centrais de desenvolvimento capitalista, para os quais se prevê que a população idosa vai quadruplicar nesses próximos anos. Na Ásia e na América Latina, a população idosa passará de 8% para 15% até 2025. Na Europa e na América do Norte, entre 1998 e 2025, a população idosa passará de 20% para 28% e de 16% para 26% respectivamente. Consequentemente haverá uma transformação demográfica de proporção mundial, o que provocará profundas mudanças nos diferentes aspectos da vida: individual, comunitário e internacional, mudanças essas psicológicas, espirituais, sociais, culturais, econômicas e políticas (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2002).

NÃO TEMOS DÚVIDAS DE QUE O BRASIL PERCORRERÁ VELOZMENTE UM CAMINHO RUMO A UM PERFIL DEMOGRÁFICO COM UMA PROPORÇÃO CADA VEZ MAIS ELEVADA DESSA FAIXA ETÁRIA. ISSO IMPLICARÁ ADEQUAÇÕES NAS POLÍTICAS SOCIAIS, PRINCIPALMENTE NAQUELAS VOLTADAS PARA AS ÁREAS DA SAÚDE, PREVIDÊNCIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL.

O Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento (resultado da II Assembleia Mundial do Envelhecimento, abril de 2002, em Madri, promovida pela ONU) definiu vários temas, com vistas a orientar as ações para que, em todas as partes do mundo, a população possa envelhecer com segurança e dignidade e para que os idosos, estejam eles onde estiverem, possam continuar participando de suas respectivas sociedades como cidadãos, com plenos direitos, com liberdade e sem discriminação.

O aumento da expectativa de vida no Brasil é resultante, pelo menos, de três fatores: em primeiro lugar, dos esforços empregados em políticas sociais, voltados para a melhoria das condições de vida da população brasileira, principalmente a partir da década de 1970, com a ampliação da rede assistencial, da infraestrutura de saneamento básico e com o aumento da escolarização; em segundo lugar, das pesquisas no campo da saúde e da medicina, principalmente da medicina preventiva, com o controle de muitas doenças infectocontagiosas, sobretudo em razão da facilidade de acesso aos antibióticos e à vacinação em massa, cujos avanços vêm contribuindo para a elevação da longevidade; em terceiro lugar, das mudanças sociais ocorridas na vida da mulher ao longo dos anos, tais como a dissociação da sexualidade da reprodução, maior acesso à educação, a saída da mulher de casa para o mercado de trabalho, a redução no número de filhos, entre outras.

Não temos dúvidas de que o Brasil percorrerá velozmente um caminho rumo a um perfil demográfico com uma proporção cada vez mais elevada dessa faixa etária. Isso implicará adequações nas políticas sociais, principalmente naquelas voltadas para as áreas da saúde, previdência e assistência social.

Política pública para a terceira idade

A Constituição de 1988 estabeleceu os direitos desse segmento populacional, daí resultando a Lei no 8.842, de 4 de janeiro de 1994, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso (PNI), regulamentada em 1996, que tem por objetivo assegurar os direitos sociais do idoso, criando con-

dições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade. Ainda em 1994, o Ministério da Saúde assumiu a implantação de um novo modelo assistencial de saúde, o Programa de Saúde da Família (PSF), que elege como prioridade o estabelecimento de vínculos e a criação de laços de compromisso e de responsabilidade entre os profissionais da saúde e a população (BRASIL, 1997).

A PNI, a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa (PNS-PI), instituída pela portaria nº 2.528, de 19 de outubro de 2006, baseia-se na garantia de atenção adequada e digna para a população idosa brasileira em consonância com os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) e o Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Destina-se a regular os direitos assegurados às pessoas idosas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos, na qualidade de instrumentos legais que norteiam ações sociais e de saúde e instituem os direitos das pessoas idosas.

A elevação da expectativa de vida coloca a necessidade de reestruturar a atual administração, desde a esfera familiar até a governamental. Os novos arranjos familiares apontam um idoso que sai do espaço restrito da família e surge num espaço de responsabilidade da sociedade. Portanto é fundamental, segundo Lopes (2007), que a sociedade e o Estado renovem seus espaços sociais e institucionais para abrigar idosos.

Entre os desafios, colocados pela elevação da expectativa de vida no Brasil, está a necessidade de efetivação de políticas públicas eficazes na atenção a essa demanda de indivíduos que necessitam de atendimento especializado. Essas políticas podem ser entendidas como estratégias de enfrentamento das desigualdades sociais e econômicas. No entanto, há outros fatores particulares, relativos ao envelhecimento de cada pessoa, que decorrem da história de vida, da evolução cronológica, e envolvem aspectos biopsicossociais específicos dessa idade, tais como: envelhecimento biológico, envelhecimento psicológico e envelhecimento social, este determinado pela cultura, pela história de cada um e pelos costumes da comunidade em que vive, como a perda do papel profissional e do papel na família como provedor, o que conduz o idoso ao isolamento, com o sentimento de inutilidade (MERCADANTE, 2003).

A ELEVÇÃO DA EXPECTATIVA DE VIDA COLOCA A NECESSIDADE DE REESTRUTURAR A ATUAL ADMINISTRAÇÃO, DESDE A ESFERA FAMILIAR ATÉ A GOVERNAMENTAL. OS NOVOS ARRANJOS FAMILIARES APONTAM UM IDOSO QUE SAI DO ESPAÇO RESTRITO DA FAMÍLIA E SURGE NUM ESPAÇO DE RESPONSABILIDADE DA SOCIEDADE

Metodologia

O objetivo deste artigo é caracterizar o perfil de idosos (segundo raça, escolaridade, faixa etária, situação civil e número de filhos), demonstrar as relações familiares e os fatores que os levaram à institucionalização, visando sistematizar as informações que influenciam as ações das redes de apoio social aos idosos, e com isso contribuir para que estas possam atuar de forma mais efetiva no seu esforço de manter esses idosos junto de suas famílias com vínculos afetivos positivos.

A pesquisa, de caráter exploratório, foi realizada no período de outubro de 2010 a fevereiro de 2011. O estudo de campo incidiu sobre uma amostra intencional de idosos internos de três instituições de longa permanência – duas privadas e uma filantrópica. A metodologia utilizada foi de natureza qualitativa e operacionalizou-se mediante um instrumento de coleta de dados, o formulário, que possibilitou a realização de uma entrevista semiestruturada.

Este artigo está estruturado na seguinte ordem. Além dessa introdução, no próximo item será apresentado, a partir das respostas obtidas nos formulários, o perfil dos idosos asilados; no item seguinte, serão demonstradas as relações familiares e a institucionalização, e na conclusão serão feitas as reflexões finais.

O perfil dos idosos asilados

A caracterização do perfil dos idosos nas instituições pesquisadas será feita por meio das variáveis: raça, escolaridade, faixa etária, estado civil, número de filhos. Foi possível identificar que a maioria dos idosos asilados (75%) está na faixa dos 71 aos 90 anos. Assim sendo, são idosos que já estão com algum comprometimento físico e/ou mental. Por esta razão demandam cuidados que a família, às vezes, não está preparada para dedicar-lhes.

Em relação à raça, a pesquisa permitiu-nos observar que o número de idosos brancos institucionalizados (72%) é bem mais expressivo que o de negros (6%) e pardos (22%) juntos. Esse resultado destoa dos que estamos acostumados a ver nas instituições de atendimento a crianças e adolescentes de menor poder aquisitivo, onde há uma grande maioria de pardos e negros, nas quais brancos são quase inexistentes.

Santos, Lopes e Neri (2007, p. 72), em seu estudo *Escolaridade, raça e etnia: elementos de exclusão social de idosos*, dizem o seguinte:

A frequência mais alta de ascendentes brancos entre os idosos permite suspeitar – e somente suspeitar – da ocorrência de um processo de seleção em que eles seriam relativamente mais numerosos do que os demais grupos raciais por causa das condições sociais.

Na literatura pesquisada, embora seja constatado que os idosos institucionalizados são na maioria brancos, não há análise sobre o assunto. Há uma invisibilidade quase absoluta dos cidadãos negros com idade igual ou superior a 60 anos.

A baixa escolaridade também é um dado visível na população idosa asilada, na qual constatamos que 22% é de analfabetos e 53% dela aparece com o primeiro grau incompleto. A maioria desses, na verdade, frequentou a escola somente por dois ou três anos, principalmente as mulheres. Esse último dado não contempla somente idosos asilados, mas também idosos das classes menos favorecidas de uma maneira geral.

Vale lembrar que, quando os idosos de hoje eram crianças e adolescentes, não havia obrigatoriedade de frequentar a escola. As mulheres, em especial, não eram estimuladas a estudar, e sim preparadas para o casamento. Para os homens, o mercado era menos exigente e eles começavam a trabalhar muito cedo, a partir dos 14 anos, o que implicava, na maioria das vezes, deixar a escola (SANTOS, LOPES & NERI, 2007). Essa situação de analfabetismo e baixa escolaridade compromete muito o grau de entendimento dos idosos, pois o nível de informações fica restrito aos registros de sua memória.

O estado civil predominante é de viúvos (53%) e solteiros (28%), que totalizam 81% dos idosos asilados, o que nos leva a admitir que a maioria não tem companheiro(a) e/ou família. Dos idosos viúvos, a quase totalidade é de mulheres; entre os solteiros, a maioria é de homens, ou seja, não constituiu família e, quando a família de origem morreu, os descendentes não assumiram o parente, restando a este, como única alternativa, o asilo.

Encontramos 16% de idosos separados, constituídos por homens que se separaram ainda jovens e, na época, não deram assistência à família, e quando se viram idosos e sem condições de se manter sozinhos foram encaminhados ao asilo por parentes ou conhecidos. Pudemos perceber,

VALE LEMBRAR QUE, QUANDO OS IDOSOS DE HOJE ERAM CRIANÇAS E ADOLESCENTES, NÃO HAVIA OBRIGATORIEDADE DE FREQUENTAR A ESCOLA. AS MULHERES, EM ESPECIAL, NÃO ERAM ESTIMULADAS A ESTUDAR, E SIM PREPARADAS PARA O CASAMENTO.

no triste relato de alguns, a falta de afetividade dos filhos para com eles, em função da negligência em demonstrar afeto e atenção, por parte do pai, quando os filhos eram crianças e/ou adolescentes.

Os idosos sujeitos da pesquisa, de uma maneira geral, encontram-se distanciados de sua família, e esse distanciamento se cristalizou em decorrência da institucionalização. Além disso, romperam os laços com seu contexto histórico, com a comunidade onde estavam inseridos. Mesmo aqueles que afirmam gostar da instituição, e estar felizes lá, apresentam em sua fala indícios de que gostariam de viver ao lado da família. Estes são geralmente viúvos ou viúvas sem filhos, ou então solteiros e solteiras que já perderam a maior parte dos componentes de sua família; dos que ainda têm alguém, este também é idoso, e não pode acolher o parente por dificuldades financeiras, limitações físicas ou mesmo por falta de afetividade (estes nunca recebem visitas). Os que têm filhos, com raras exceções, justificaram sua institucionalização alegando que ficavam muito sozinhos.

Dos idosos asilados pesquisados, apenas 44% não possuem filhos. Neste grupo estão incluídos os solteiros e os que, mesmo casados, nunca tiveram filhos. Isso nos permite deduzir que ter filhos não é garantia da permanência do idoso na família.

Com relação ao número de viúvos e viúvas, 53% dos pesquisados foram para a instituição após a morte do cônjuge, indicativo de que ter um(a) companheiro(a) contribui para se permanecer em seu próprio domicílio.

Encontramos 28% de solteiros. Isso de alguma forma justifica o asilamento, supondo que não tiveram condições de permanecer vivendo sozinhos e não foram acolhidos pelos parentes. Devemos levar em consideração a disponibilidade da família para cuidar do idoso, o que tem a ver com as condições materiais de existência e com os laços afetivos, que podem favorecer ou não essa disponibilidade.

As relações familiares

De acordo com o Estatuto do Idoso, deve-se "(...) priorizar o atendimento do idoso por sua família, em detrimento do atendimento asilar, exceto dos que não possuam ou careçam de condições de manutenção da própria sobrevivência" (RAMAYANA, 2004, p. 18), e, ainda, entender

que o asilo não é o melhor local para abrigar uma pessoa idosa, quando há possibilidade de ela permanecer na família. Tais considerações estão em consonância com o Art. 229 da Constituição Federal, que diz: “(...) os pais têm o dever de assistir, criar e educar os filhos menores, e os filhos maiores têm o dever de ajudar a amparar os pais na velhice, carência ou enfermidade” (OLIVEIRA, 1994, p. 103), embora saibamos que essa imposição legal não garante os cuidados da pessoa dentro das famílias.

Pelo relato dos idosos entrevistados, em resposta à pergunta sobre como era sua vida antes do asilo, percebemos que a maioria já vivia uma situação de solidão, e também de precariedade financeira. Quando têm filhos, relatam que moravam com um filho ou uma filha, mas ficavam em casa sozinhos, enquanto todos saíam para o trabalho. Muitas vezes é para sanar essa situação que os filhos resolvem levá-los para uma instituição. Observamos que as mulheres solteiras, após a morte dos pais e irmãos, ficaram sozinhas e, não querendo incomodar ninguém, pediram que as levassem para uma instituição. Há também algumas mulheres que não tiveram filhos e com a morte do companheiro decidiram asilar-se, alegando também que não queriam ficar sozinhas. Quanto aos homens solteiros, já viviam sós desde jovens, e quando envelheceram/adoeceram, e não tinham mais como se manter sozinhos, foram levados para o asilo por algum parente ou vizinho.

A maioria das respostas está relacionada à perda de autonomia/independência e ao fato de não terem ninguém para ajudá-los/cuidar deles ou até mesmo fazer-lhes companhia. A esses motivos, dadas as precárias condições financeiras, soma-se a falta de um lugar para morar com a família ou, exceto os que viviam sozinhos (47%), de condições de viver só.

Alcântara (2004, p. 22) destaca:

Em face dos novos arranjos e do número reduzido de membros na família, envelhecer junto a esta é um desafio, visto que a sociedade moderna, movida pelo mundo do trabalho, não tem tempo para conviver com seus velhos. O espaço doméstico é restrito apenas ao casal e a um ou mais filhos. As mulheres, que antes cuidavam dos filhos, pais e avós, foram absorvidas pelo mercado de trabalho, e assim, esses cuidados foram transferidos às creches e aos asilos.

OBSERVAMOS QUE AS MULHERES SOLTEIRAS, APÓS A MORTE DOS PAIS E IRMÃOS, FICARAM SOZINHAS E, NÃO QUERENDO INCOMODAR NINGUÉM, PEDIRAM QUE AS LEVASSEM PARA UMA INSTITUIÇÃO. HÁ TAMBÉM ALGUMAS MULHERES QUE NÃO TIVERAM FILHOS E COM A MORTE DO COMPANHEIRO DECIDIRAM ASILAR-SE, ALEGANDO TAMBÉM QUE NÃO QUERIAM FICAR SOZINHAS. QUANTO AOS HOMENS SOLTEIROS, JÁ VIVIAM SÓS DESDE JOVENS, E QUANDO ENVELHECERAM/ADOECERAM, E NÃO TINHAM MAIS COMO SE MANTER SOZINHOS, FORAM LEVADOS PARA O ASILO POR ALGUM PARENTE OU VIZINHO.

As respostas dadas à pergunta sobre *quando e como surgiu a ideia de ir morar na instituição* também estão relacionadas à perda de autonomia/independência e à falta de condições de algum membro da família para exercer o papel de cuidador, ou, no caso da maioria dos solteiros, à falta de parentes disponíveis.

Os idosos percebem a família como um espaço em que os laços de respeito devem ser preservados. Em geral protegem seus filhos e familiares de qualquer julgamento moral, justificando na maioria das vezes o fato de estarem no asilo, de receberem poucas visitas ou, em muitos casos, visita alguma, sempre dizendo que os filhos trabalham muito, que têm seus filhos para cuidar e vivem sem tempo. Muitos deles (47%) não recebem visitas, ou as recebem muito raramente, e 53% são visitados: alguns uma vez na semana e outros até uma vez por mês (instituição filantrópica). No caso das instituições particulares, as visitas semanais são obrigatórias, condição para que o idoso permaneça na instituição.

A maioria dos idosos que não recebem visitas regularmente é do sexo masculino e estes relatam que não constituíram famílias (são solteiros). Quando tiveram, houve separação antes do envelhecimento, e os filhos não os acolheram na velhice; informam que, após a separação, se distanciaram da família, ou seja, na qualidade de pais ausentes, os filhos não mantiveram afetividade em relação a eles.

Avelar (2007, p. 26) destaca:

Em algumas situações, a família que tem poucos recursos financeiros para manter o seu parente idoso no convívio familiar pode pensar na internação em uma instituição de longa permanência, de caráter filantrópico, como opção para suprir as necessidades básicas desse familiar, como moradia, alimentação e medicamento. Não se esquecendo de que, mesmo em tal circunstância, a família deve manter os vínculos e o relacionamento com seu familiar.

Idosos são encaminhados a instituições em razão de dificuldades financeiras, falta de espaço para sua privacidade em casa, impaciência dos familiares para com eles e deles para com netos, crianças e/ou adolescentes, falta de disponibilidade de um familiar para o cuidado, falta de habilidade dos familiares para lidar com determinadas enfermidades graves e falta de afetividade, entre outros fatores.

A institucionalização

Nas sociedades antigas, a família, tradicionalmente extensa, assumia o cuidado de seus idosos. Com várias gerações morando em uma única casa, cabia às mulheres a tarefa de cuidar dos mais velhos, quando estes necessitavam. Verificava-se, nesse momento, a presença de uma solidariedade, além da obrigação de quem estava morando na casa com o idoso de dispensar-lhe cuidados. Só os idosos sem família iam para os asilos.

Levando em consideração todas as implicações da institucionalização, verificamos que os idosos, após o asilamento, apresentam certa apatia, um grau elevado de passividade e falta de desejo de fazer não importa o quê. Ximenes e Côrte (2007, p. 36) ressaltam:

Na realidade cotidiana asilar, a sensação que se tem é de um lugar onde o tempo estagnou. As horas preguiçosas estendem-se, resistem e, no seu marasmo, contaminam todo o ambiente, num quase nada acontecer em suas diferentes horas: idosos sentados estáticos, muitas vezes, um ao lado do outro, sem conversas ou, quando se ouve alguma voz, na maioria das vezes é solitária. Idosos conversam, mas não se ouvem. Uns gritam, sem motivo aparente, outros vagam. A sensação é de desistência da vida. Permanece um tempo vazio de “espera” da morte.

No cotidiano das instituições há pouca atividade, é uma rotina que se repete dia após dia, sem expectativa de como será o futuro; é como se ele não existisse. Entretanto, quando a instituição oferece alguma atividade, os idosos não se interessam por ela.

Estudos demonstram que “o não fazer nada” traz malefícios à saúde da pessoa idosa e sua capacidade física é levada ao declínio pelo “desuso” das funções do organismo, afetando o desenvolvimento das atividades de sua vida diária e de sua vida prática (XIMENES & CÔRTE, 2007).

Quando perguntados sobre *o que fazem na instituição*, 31% responderam de forma similar, ou próximo da seguinte assertiva: “(...) *nada, aqui não tem nada pra fazer, aqui a gente só come e dorme*”. Um grande número de idosos respondeu: “(...) *ando de um lado para o outro, vejo TV, bato papo*”.

Avelar (2007, p. 56) comenta:

O cotidiano da instituição asilar pode se constituir de rotinas que se repetem, dia após dia, normalmente não correspondendo aos desejos, anseios e expectativas dos residentes. É como se o futuro não mais existisse para eles e restasse apenas a repetição da rotina dos dias, sem a expectativa de como será o dia seguinte, pois este já é conhecido e programado sem a sua participação.

A maioria dos idosos diz que a instituição não propõe nenhuma atividade, ou, quando oferece, é algo que não atende a seus interesses, que não os estimula a participar. Os idosos acabam por ficar sentados uns ao lado dos outros sem nada para fazer a não ser conversar, dia após dia, o que nos revela que o espaço asilar é um lugar de inércia, sem movimento e sem atividades, propício para que seja reforçada a condição de inutilidade e dependência.

ALÉM DAS DESIGUALDADES SOCIAIS,
QUE DIVIDEM PROFUNDAMENTE
A SOCIEDADE BRASILEIRA, HÁ
DIFERENÇAS, EM CADA PESSOA, NO
PROCESSO DE ENVELHECIMENTO,
DEPENDENDO DA MANEIRA COMO
ENCARA A VIDA E TAMBÉM
DE TEMPOS CRONOLÓGICOS
DIFERENCIADOS.

Ximenes e Côrte (2007, apud FALEIROS & MORANO, 2009, p. 333) destacam que: "(...) há uma desvalorização das necessidades do idoso, por se acreditar que estas se limitam a certas prioridades fisiológicas (alimentação, vestuário, moradia, cuidados de saúde e higiene), (...)".

Percebemos que o nível de insatisfação, quanto ao asilamento, é maior nas instituições privadas, onde estão os idosos com maior poder aquisitivo. Os idosos das camadas mais empobrecidas, talvez por terem menos opções em decorrência de sua situação financeira, acabam se conformando.

Ressaltamos que, embora dependa das condições materiais de existência, desiguais em relação à situação de classe, a velhice é vivida também como um processo individual. Portanto, mudanças biológicas, fisiológicas, psicossociais, econômicas ocorrem no ciclo de vida de toda e qualquer pessoa. Além das desigualdades sociais, que dividem profundamente a sociedade brasileira, há diferenças, em cada pessoa, no processo de envelhecimento, dependendo da maneira como encara a vida e também de tempos cronológicos diferenciados.

Conclusão

A interpretação e análise dos dados permitiram-nos perceber que a maioria dos idosos já vivia, antes do asilamento, uma situação de solidão, e, muitos, de precariedade financeira. Observamos que as mulheres solteiras que ficaram sozinhas após a morte dos pais e irmãos, por não querer incomodar os parentes, buscaram uma instituição. Há também algumas mulheres sem filhos que, com a morte do companheiro e sem condições de se manterem sozinhas, procuraram o asilamento. Já os homens solteiros, que já viviam sós desde jovens, quando envelheceram/

adoeceram, não tiveram mais como se manter sozinhos, e, sem outra opção, foram levados para o asilo.

A idade por si não é um determinante de asilamento, os fatores que melhor o explicam são: as dificuldades financeiras, o declínio das condições de saúde, a perda da autonomia e da independência para as atividades da vida diária, o surgimento de doenças crônicas, viver sozinho (solteiro, viúvo ou separado) e não ter ninguém para ajudar/cuidar de si ou até mesmo fazer companhia, a impaciência dos familiares para com o idoso, e deles para com netos, crianças e/ou adolescentes, a falta de espaço para sua privacidade em casa, ou a falta de um lugar adequado para morar com a família, a falta de disponibilidade de um familiar, falta de afetividade dentro da família apresentaram-se como fatores cruciais para a institucionalização.

Quanto às instituições privadas, estas surgem para atender a uma demanda de segmentos sociais que podem arcar com os elevados custos e encaminham seus idosos, com alto grau de dependência, para as casas de repouso. Nesse caso, precisaríamos estudar as razões dessa transferência de responsabilidade da família para a instituição, uma vez que não é a falta de recursos financeiros que a determina, mas a secundarização da posição do idoso no seio familiar, justificada pela falta de disponibilidade de um familiar cuidador, ou mesmo de habilidade e preparo para lidar com determinadas doenças graves. Optam por pagar uma instituição, a pagar alguém para cuidar desse idoso no seio da família.

Diante do exposto, o que se pode auferir é que é necessário evitar o asilamento, de acordo com o previsto na Constituição e no Estatuto do Idoso; isso só deve ocorrer quando não há nenhuma possibilidade de a pessoa idosa permanecer na família. Temos (o Estado, a sociedade e a família) de construir uma rede de serviços aos idosos na comunidade, investir em ações que possibilitem a estes permanecerem com as famílias em sua comunidade, bem como fomentar a implementação de políticas públicas eficazes e ações preventivas à institucionalização.

Temos de pensar no asilamento, quando inevitável, como uma alternativa que proporcione dignidade e qualidade de vida à pessoa idosa. As instituições precisam romper com a imagem histórica de segregação e afastamento da sociedade e se tornar uma alternativa digna para os idosos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALCÂNTARA, A. O. *Velhos institucionalizados e família: entre abafos e desabafos*. Campinas, SP: Alínea, 2004.
- AVELAR, M. C. M. *O cotidiano dos idosos na Instituição Assistencial Nosso Lar do município de Santo André*. 2007. 118 f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.
- BRASIL. Lei nº 6.179, de 11 de dezembro de 1974. *Institui amparo previdenciário para maiores de 70 anos de idade e para inválidos e dá outras providências*. Brasília, 1974. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L6179.htm>. Acesso em: 10 nov. 2010.
- _____. Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994. *Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências*. Brasília, 1994. Disponível em: <portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/p8842_pn_idoso.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2011.
- _____. Ministério da Saúde. *Saúde da família: uma estratégia para reorientação do modelo assistencial*. Brasília, 1997.
- _____. Portaria nº 2.528, de 19 de outubro de 2006. *Aprova a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa*. Brasília, 2006. Disponível em: <www.brasilsus.com.br/legislacoes/gm/1363-2528.html?q=>>. Acesso em: 17 jan. 2011.
- CAMARANO, A. A.; KANSO, S. *Pesquisa nacional por amostra de domicílio, 2009: primeiras análises – tendências demográficas*. Rio de Janeiro: Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, 2010. (Comunicados do Ipea, n. 64)
- LOPES, R. G. C. Imagem e auto-imagem: da homogeneidade da velhice para a heterogeneidade das vivências. In: NERI, A. L. (Org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007. p. 141-152.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. H. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPV, 1986.
- MERCADANTE, E. F. Velhice: a identidade estigmatizada. *Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, ano 24, n. 75, p. 55-73, 2003.
- NERI, A. L. Feminização da velhice. In: _____ (Org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007. p. 47-64.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Plano de ação internacional contra o envelhecimento, 2002*. Tradução de Arlene Santos. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003. (Série Institucional em Direitos Humanos, v. 1)
- OLIVEIRA, J. (Org.). *Constituição da República Federativa do Brasil*. 10. ed., atualizada e ampliada. São Paulo: Saraiva, 1994. (Coleção Saraiva de Legislação)
- PAPALÉO, N. M. Biologia e teorias do envelhecimento. In: _____. *Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada*. São Paulo: Atheneu, 2005. p. 44-59.
- RAMAYANA, M. *Estatuto do Idoso comentado*. Rio de Janeiro: Roma Victor, 2004.
- RODRIGUES, N. C.; RAUTH, J. Os desafios do envelhecimento no Brasil. In: FREITAS, E. V. (Org.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. p. 106-110.

- SALGADO, M. A. *Velhice: uma nova questão social*. São Paulo: Sesc, 1982.
- SANTOS, G. A.; LOPES, A.; NERI, A. L. Escolaridade, raça e etnia: elementos de exclusão social de idosos. In: NERI, A. L. (Org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007. p. 65-80.
- XIMENES, M. A.; CÔRTE, B. A instituição asilar e seus fazeres cotidianos: um estudo de caso. *Estudos interdisciplinares sobre envelhecimento*, Porto Alegre, v. 11, p. 29-52, jul. 2007.



Identificação do perfil do consumidor idoso quanto aos hábitos alimentares e fatores determinantes de consumo de leite

ADRIANA ALVARENGA DE SOUSA¹
LUIZ ALFREDO YAMANAKA E. PEREIRA²
GUILHERME LEMES SANFELICE²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo avaliar os fatores determinantes do consumo de leite da população idosa de São José do Rio Preto/SP. O estudo empírico foi conduzido junto a uma amostra de 100 idosos das classes de renda A, B, C, D e E, dentro de lojas de hipermercados e clubes da terceira idade em São José do Rio Preto, em dezembro de 2010. Para a coleta de dados foi utilizado um questionário estruturado com perguntas de respostas fechadas, por meio de inquirição direta. Os resultados mostram que 75% dos respondentes possuem o hábito de consumir leite, sendo que 54% dos entrevistados ingerem o alimento diariamente, preferencialmente pela manhã. As razões alegadas para o consumo são as propriedades do leite: valor nutritivo, sabor, segurança alimentar, ser um alimento integrante de uma refeição e ser recomendado por médicos/nutricionistas. Outro dado observado é que homens e mulheres têm motivações diferentes ao escolher o produto: idosos do sexo masculino escolhem pelo preço, ao passo que as idosas priorizam a qualidade do produto ou a sua marca. Esse dado mostra um mercado a ser explorado, voltado ao público feminino. Além disso, esse dado também poderia ser usado para conquistar os 25% que não têm o hábito de consumir leite.

Palavras-chave: comportamento do consumidor; hábito alimentar; consumo de alimentos

¹ Professora e pesquisadora da Faculdade de Tecnologia (FATEC) de São José do Rio Preto/SP. Mestre em Agronegócios pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul/UFMS.

² Tecnólogo em Agronegócios.

³ Tecnólogo em Agronegócios.

ABSTRACT

This article aims to evaluate the factors that determine milk consumption among the elderly in Sao José do Rio Preto/SP. A survey was conducted among a sample of 100 elderly people belonging to income classes A, B, C, D and E who were interviewed at hypermarket stores and elderly clubs in Sao Jose do Rio Preto / SP, in December 2010. Collected data was based on a structured questionnaire with closed questions, using a direct approach method. The results showed that 75% of respondents have the habit of drinking milk, with 54% of respondents drinking milk daily, particularly in the morning. The following reasons were given for drinking milk: its nutritional value; its taste; its safety as food; the fact that it is an important part of a meal; and the fact that it is recommended by doctors and nutritionists. Other results showed that men and women have different motivations when it comes to choosing a particular brand of milk: male respondents choose based on price, while female respondents prioritize the product or brand quality. These results not only showed that the female population represents an untapped market for milk, but could also help in tapping the remaining 25% of those who do not have the habit of drinking milk.

Keywords: consumer behavior; alimentary habit; food consumption;

INTRODUÇÃO

O leite é um alimento de grande importância na alimentação humana, em razão do seu elevado valor nutritivo, com uma composição rica em gorduras, proteína, sais minerais, lactose e vitaminas. Apesar da importância, o consumo ainda é baixo em todo o Brasil, comparado às necessidades nutricionais diárias dos indivíduos.

Uma comparação entre quatro pesquisas do IBGE, que investigaram o consumo das famílias (ENDEF 1974/75 e POF 1987/1988, 1995/1996, 2002/2003), revela mudanças nos hábitos de consumo das famílias brasileiras ao longo de quase 28 anos. Uma expressiva mudança nas principais áreas urbanas do país – entre 1974 e 2003 – foi o aumento das quanti-

dades anuais per capita adquiridas de alguns gêneros alimentícios, mais especificamente alimentos preparados/industrializados, porém, na contramão desta afirmativa, as aquisições de leite variaram negativamente nesse período, com aquisição por domicílio de 40,015 kg para 38,035 kg, um redução de aproximadamente 5%, o que justifica a necessidade de ações para que este quadro se reverta.

Ao olhar para a segmentação da população idosa no Brasil, Augustinho (2007) salienta que homens e mulheres com mais de 65 anos precisam de uma dose elevada de cálcio. Para suprir a necessidade desse mineral, essa população deveria consumir diariamente, pelo menos, o equivalente a seis copos de leite, de preferência desnatado. Segundo o autor, para evitar incômodos gastrointestinais, causados por ingestão de grande quantidade da bebida, deve-se tomar leite com baixa lactose, pois o consumo desse produto auxilia na prevenção de fraturas e problemas como a osteoporose.

Dessa forma, é imprescindível uma maior atenção às mudanças verificadas nas práticas alimentares dos consumidores idosos, tanto para o Poder Público quanto para pesquisadores e profissionais de marketing. Esse novo cenário remete a uma mudança alimentar que busca produtos mais saudáveis para o organismo, a exemplo daqueles ricos em cálcio, baixo teor de gordura, baixo teor calórico e níveis mínimos de resíduos químicos.

O objetivo deste artigo é verificar as variáveis que determinam o consumo de leite na terceira idade com base no modelo de consumo de Alvensleben (1997) no município de São José do Rio Preto/SP.

Terceira idade no Brasil

A população idosa vem crescendo constantemente em escala global, é um fenômeno mundial cada vez mais discutido, tanto nos países desenvolvidos quanto nos países do Terceiro Mundo (ARAÚJO & ALVES, 2000).

O processo de envelhecimento é um processo natural que atinge o corpo todo, ou seja, a maturidade fisiológica, a mudança degenerativa se torna maior do que a taxa de regeneração celular, resultando em uma perda de células, que leva à diminuição da função orgânica (BALLSTAEDT, 2007). Para compreender esse processo, a ONU classifica os idosos em

ESSE NOVO CENÁRIO REMETE A UMA MUDANÇA ALIMENTAR QUE BUSCA PRODUTOS MAIS SAUDÁVEIS PARA O ORGANISMO, A EXEMPLO DAQUELES RICOS EM CÁLCIO, BAIXO TEOR DE GORDURA, BAIXO TEOR CALÓRICO E NÍVEIS MÍNIMOS DE RESÍDUOS QUÍMICOS.

É IMPORTANTE LEMBRAR QUE
A VELHICE É UM PROCESSO
RELACIONADO A MUDANÇAS NO
COMPORTAMENTO E NO CORPO DO
IDOSO, DADAS AS TRANSFORMAÇÕES
QUE OCORREM AO LONGO DO TEMPO.

três grupos: pré-idosos (pessoas entre 55 e 64 anos), idosos jovens (de 65 a 79 anos) e idosos de idade avançada (a partir de 80 anos) Barreto (1999) apud Teixeira et al. (2006).

Para Teixeira et al. (2006) a idade cronológica constitui um indicador não tão satisfatório do envelhecimento, de tal forma que os estudiosos consideram que o envelhecimento é cronológico apenas no sentido legal ou social, o que é confirmado por Veras (1994), pois o termo “velhice” é bastante impreciso, e muito difícil de perceber na realidade. Os limites

da velhice variam em termos de complexidade fisiológica, psicológica e social (TEIXEIRA et al., 2006). Ratifica Relvas (2006) que é universalmente difícil a definição do idoso, pois são considerados vários aspectos: sociais, biológicos, culturais, psicológicos, entre outros para definir este termo. Dessa forma, tomou-se como base a aceção segundo o Estatuto do Idoso, elaborado pelo Ministério da Saúde em 2003, que visa assegurar os direitos dos cidadãos com idade igual ou superior a 60 anos (ESTATUTO DO IDOSO, 2003).

O crescimento desta população apresenta reflexos no consumo, na transferência de capital e propriedades, nos impostos, no mercado de trabalho, na saúde e assistência médica, na composição e organização da família. A alimentação do idoso é um fator que requer muita atenção, pois suas funções normais se alteram, sejam as condições internas de seu corpo ou as relacionadas aos contextos externos do ambiente, que modificam os seus hábitos. É importante lembrar que a velhice é um processo relacionado a mudanças no comportamento e no corpo do idoso, dadas as transformações que ocorrem ao longo do tempo. Esse processo afeta as funções da pessoa idosa, influenciando os hábitos alimentares relacionados com a quantidade e qualidade dos alimentos que se consome, e que, nem sempre, estão adequadas às necessidades reais desses indivíduos, à medida que eles envelhecem (RELVAS, 2006).

A importância dos idosos para o país não se resume à sua crescente participação no total da população. Com um rendimento médio, segundo dados do IBGE (2002), de R\$ 657,00, o idoso ocupa, cada vez mais, papel de destaque na sociedade brasileira; são aproximadamente 8,9 milhões de idosos, que são chefes de família. Entender e buscar atender às necessidades desta crescente, e cada vez mais importante, parcela da população, oferece oportunidade de desenvolver nichos de mercado.

O mercado de leite no Brasil

O mercado de leite no Brasil é um dos assuntos pertencentes ao agronegócio que mais suscita polêmica entre os agentes da cadeia produtiva do leite. Desde meados dos anos de 1980, a cadeia produtiva no Brasil vem enfrentando mudanças importantes, entre elas: a) a profunda reestruturação patrimonial, com concentração de capitais e mudança nas estratégias das empresas, concomitante à abertura da economia; b) a desregulamentação do mercado e os longos períodos de preços rebaixados resultaram em certo ceticismo por parte dos produtores, que acreditavam ser difícil reverter o contexto desestimulante para a atividade (BORTOLETO & CHABARIBERY, 1998).

Apesar desse cenário desmotivador, é surpreendente observar o Brasil na 6ª posição no cenário internacional em patamares nunca antes alcançados, ainda que com baixos volumes exportados de lácteos (BORTOLETO & CHABARIBERY, 1998; FAO, 2008).

O mercado de leite e derivados no mundo está crescendo e o Brasil acompanha essa tendência de crescimento, o que pode ser observado, segundo Neves (2006), pela força do setor na participação do volume de bebidas consumidas no país em 2004, na qual o leite aparece em segundo lugar com 24% de participação do mercado, e pelo aumento per capita de leite e derivados: 130,9 litros por habitante, um dos maiores desde 1990. Desse modo, o Brasil atende consumidores nacionais e internacionais, e consegue com isso cerca de R\$ 14,5 bilhões faturados pela agroindústria brasileira (CÔNSOLI & NEVES, 2006).

Nota-se que a produção mundial de leite no ano de 2008, segundo dados da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (ONU – FAO), foi superior a 578 bilhões de litros; os Estados Unidos ocupam a primeira posição do ranking com produção de 86,18 bilhões de litros, seguidos por Índia com 44,1 e China com 35,85 bilhões de litros.

Comportamento do consumidor de leite

De acordo com Engel, Blackwell e Miniard (2000), são vários os fatores que interferem no comportamento de compra e que afetam a escolha do consumidor por determinado produto ou marca. Fatores culturais, sociais, familiares, econômicos e psicológicos agem em conjunto

SÃO DIVERSOS OS FATORES QUE INFLUENCIAM OU DETERMINAM A AQUISIÇÃO DE UM PRODUTO POR UM CONSUMIDOR.

de forma que se torne complexa a identificação do fator preponderante em uma decisão de compra. No mundo atual, com as arenas cada vez mais competitivas, identificar o perfil do cliente torna-se primordial na busca de vantagens competitivas pelas empresas.

Essa identificação é fundamental para a compreensão das necessidades e dos desejos de determinados grupos e para a determinação de segmentos-alvo a serem atingidos por uma empresa, bem como na definição de estratégias e compostos de marketing que deverão ser utilizados (SANDHUSEN, 1998).

As forças que determinam o comportamento do consumidor de alimentos são as seguintes (ALVENSLEBEN, 1997):

Emoção: estado interno de tensão que pode ser prazeroso ou não e pode ser mais ou menos consciente para o consumidor;

Motivo: estado interno de tensão combinado com uma determinada atividade como objetivo (orientado por atividade);

Atitude: disposição ou predisposição do consumidor para reagir positiva ou negativamente a um estímulo do produto (orientado pelo objeto).

Não havendo base emocional, não há motivo. E não havendo motivo, não há atitude. Isso leva ao comportamento de compra e consumo. No caso de frutas, a demanda pode ser assim descrita: quanto mais forte o interesse em saúde, mais forte será o motivo saúde e mais positiva será a imagem de fruta. A consequência é maior probabilidade de compra. As relações motivos/attitudes e comportamento de compra não são unilaterais (causa-efeito), pois este último pode influenciar os primeiros (efeito circular) (ALVENSLEBEN, 1997).

São diversos os fatores que influenciam ou determinam a aquisição de um produto por um consumidor. Engel, Blackwell e Miniard (2000) descrevem o processo de compra de produtos ou serviços definindo-o em cinco etapas: reconhecimento da necessidade, busca de informações, avaliação das alternativas, decisão de compra e avaliação pós-compra.

Segundo os autores, o reconhecimento de uma necessidade pode advir de estímulos internos (fome, sede, cansaço ou interesses pessoais) ou externos (comercial em geral, incentivo de outras pessoas, etc.). Quando os estímulos ou impulsos são internos ao indivíduo eles são chamados de motivação.

São vários os determinantes da motivação dos indivíduos no seu processo de compra e consumo. O excesso de informações nutricionais falsas nos alimentos pode confundir muitos consumidores, que ficam sem saber como e o que comer para ter uma boa saúde. Apesar de informações contraditórias e tendências de pesquisadores contra ou em favor de proteínas, gorduras e carboidratos, existem grupos de alimentos sobre os quais a maioria dos especialistas em nutrição concorda que são benéficos à saúde como, por exemplo, legumes, verduras, frutas e lácteos (LÁCTEA BRASIL, 2004b).

Uma série de alimentos foi classificada em uma lista de top 10 nos Estados Unidos. A lista, que traz alimentos como verduras, nozes, peixes, abacate, grãos integrais, legumes e ovos, também abrange produtos lácteos com baixo teor de gordura, como leite e iogurte.

Segundo Augustinho (2007), o leite de vaca é de grande importância para o desenvolvimento humano nas diversas etapas de crescimento, não sendo recomendado seu consumo apenas para crianças menores de 6 meses, quando se recomenda a ingestão exclusivamente de leite materno. Augustinho afirma que crianças acima de 6 meses e em fase escolar devem consumir leite em virtude das necessidades diárias de cálcio que nesse período da vida pode variar entre 250 e 500 mg, dependendo da idade da criança. Além disso, na fase escolar o leite contribui para a ingestão de nutrientes que auxiliam a capacidade intelectual, como cálcio, proteínas, vitaminas D, A e B12. Ainda segundo o autor, homens e mulheres com mais de 60 anos precisam de uma dose elevada de cálcio – correspondente a seis copos diários de leite –, assim o consumo não só de leite, mas de também dos seus derivados, é importante para suprir essa necessidade.

Bedani e Rossi (2005) alertam para o aumento da expectativa de vida e o número de idosos, fato que poderá propiciar o aumento de casos de fraturas ósseas causadas principalmente pela deficiência de cálcio, caso não sejam tomadas atitudes para suprir a carência deste nutriente.

A prevenção da osteoporose pode ser realizada com uma boa ingestão de cálcio durante os primeiros 30 anos de vida e com o consumo de alimentos ricos deste nutriente ao longo de toda ela (Augustinho, 2007). Para Bedani e Rossi (2005) e Augustinho (2007), o leite e seus derivados

UMA SÉRIE DE ALIMENTOS FOI CLASSIFICADA EM UMA LISTA DE TOP 10 NOS ESTADOS UNIDOS. A LISTA, QUE TRAZ ALIMENTOS COMO VERDURAS, NOZES, PEIXES, ABACATE, GRÃOS INTEGRAIS, LEGUMES E OVOS, TAMBÉM ABRANGE PRODUTOS LÁCTEOS COM BAIXO TEOR DE GORDURA, COMO LEITE E IOGURTE.

são a principal e maior fonte de cálcio para o homem, desempenhando papel importante na alimentação e saúde humanas.

Alvensleben (1997) afirma que mesmo as necessidades mais básicas do ser humano, como as fisiológicas, as de segurança e, também, as necessidades sociais, são influenciadas por fatores psíquicos e não podem ser dissociados na compreensão dos motivos que influenciam as decisões de compra dos consumidores. Assim, é preciso conhecer esses motivos que levam uma pessoa a comprar e consumir um produto alimentício:

- a) **necessidades nutricionais:** são as exigências de carboidrato, proteína, gordura, vitaminas e minerais, que dependem de idade, gênero e condições de trabalho da pessoa, além de clima e outros fatores;
- b) **motivo de saúde:** neste século XXI, as pessoas têm ganhado mais consciência para o controle de peso e a prática de exercícios físicos. Isso exige a ingestão de menos calorias e uma maior atenção para alimentação mais saudável, como produtos diet/light e funcionais;
- c) **desejo de alimentação prazerosa:** consumir alimentos é muito mais que simplesmente ingerir nutrientes. Muitas pessoas preferem alimentos saborosos e diversificados, ou seja, exercerem o seu comportamento hedônico. O desejo por alimento prazeroso pode conflitar com o motivo saúde, mas pode ser uma boa oportunidade de mercado para a empresa inovar em comida prazerosa e saudável;
- d) **conveniência:** as pessoas buscam evitar esforço na compra, no preparo e no consumo de alimentos. A presença da mulher no mercado de trabalho e o desejo de mais tempo para o lazer contribuíram para a preferência por alimentos prontos e semiprontos. Os pratos prontos, chamados na Europa de pret-à-manger, chegaram ao Brasil recentemente por intermédio da Sadia;
- e) **motivo de segurança:** problemas sanitários verificados nos últimos anos na Inglaterra, com o aparecimento da encefalopatia espongiforme bovina (BSE), mais conhecida como “doença da vaca louca”; na Bélgica, com a contaminação da carne de frango pela presença de

uma dioxina na ração; e na Ásia, com a gripe asiática, que levou à dizimação do rebanho avícola, alertaram o mundo sobre a segurança do alimento. Resíduos de antibióticos nos frangos, de defensivos nos grãos e de promotores de crescimento em bovinos têm determinado a redução da confiança dos consumidores;

- f) **normas do grupo de referência:** de um modo geral, os consumidores seguem as normas do grupo a que pertencem. Motivos religiosos, por exemplo, determinam hábitos de consumo, como os judeus, que não comem carne de porco, e os hindus, que não comem a carne bovina, apenas ordenham o leite;
- g) **prestígio:** a pessoa consome certos tipos de alimento para buscar o reconhecimento de seu grupo. As pessoas de baixo nível de confiança tendem a imitar outras de maior grau de confiança, ou seja, aquelas que não dependem da opinião de outras pessoas. Exemplos de produtos alimentícios usados para esse fim incluem espumante, caviar, bacalhau e outros alimentos de prestígio.

Metodologia

Para atingir o objetivo proposto, o presente trabalho focalizou a população das classes A, B, C, D e E segundo o Critério Brasil (Abep, 2002), moradora de São José do Rio Preto/SP. Foi feito um survey com 100 pessoas da terceira idade, em dezembro de 2010, escolhidas aleatoriamente. A entrevista foi do tipo inquirição direta, e utilizou-se questionário estruturado, baseado nas dimensões sugeridas por Alvensleben (1997), que considera os motivos que levam uma pessoa a comprar e consumir um produto alimentício (quadro 1). O questionário é dividido em duas partes: a primeira é constituída de 13 variáveis relacionadas ao comportamento do consumidor de leite; foi utilizada escala de 5 pontos de Likert, distribuídos entre discordo totalmente (1) e concordo totalmente (5). A segunda parte abordou dados sociodemográficos como: gênero, faixa etária e escolaridade, usando de escala nominal.

Quadro 1: Variáveis objeto da pesquisa.

Tipo de Consumidor	Dimensões de Alvensleben (1997)	Variáveis selecionadas	Questões
Pró-saúde	Necessidades nutricionais	Propriedades	a) Eu bebo leite porque é nutritivo.
		Tipo de refeição	b) Eu bebo leite como parte de uma refeição.
	Motivo saúde	Controle do peso	c) Eu bebo leite para controlar meu peso.
		Indicação médica	d) Eu bebo leite por recomendação médica/de nutricionista.
	Segurança	Segurança	e) Leite é um alimento seguro para minha saúde.
		Prazo de validade	f) O leite disponível nos pontos de venda está sempre dentro do prazo de validade.
Hedônico	Normas do grupo de referência	Influência da família	g) Eu bebo leite por influência da minha família.
		Influência dos amigos	h) Eu bebo leite porque minha roda de amizade também bebe.
	Prazer	Sabor	i) Eu bebo leite porque é saboroso.
		Prazer	j) Eu bebo leite porque me dá prazer.
	Conveniência	Praticidade	k) Eu bebo leite pela facilidade da embalagem na hora da ingestão
		Facilidade de acesso	l) Eu bebo leite porque ele está disponível em qualquer lugar.
	Prestígio	Marca	m) Eu dou muita importância para a marca do leite.

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Alvensleben (1997).

Resultados

Mais da metade dos entrevistados, 54%, era de homens. No que diz respeito à faixa etária e escolaridade, 32% tinham idade entre 71 e 75 anos; 20% apresentaram formação escolar equivalente ao Ensino Médio completo. Quanto à renda mensal, 54% recebiam de 1 a 3 salários mínimos. Quase metade, 43%, residem com apenas mais uma pessoa.

Dos dados apresentados com relação à importância do leite, 87% responderam que concordam totalmente ou parcialmente que o leite é um alimento nutritivo; 67% concordam totalmente ou parcialmente que o leite é um alimento seguro para a saúde; ratifica Becker (1999) que a preocupação com a segurança no consumo de alimentos tem aumentado juntamente com as novas tecnologias de industrialização e as exigências do consumidor, que adotou um enfoque mais qualitativo, procurando adquirir um produto que ofereça garantias nutricionais de se consumir, ou seja, um produto isento de riscos à saúde.

Quanto às recomendações médicas e de nutricionista, 64% afirmaram que bebem leite por recomendações desses profissionais; constata-se a existência de uma preocupação crescente com a saúde, o que conduz as pessoas à busca por alimentos que possam prevenir e controlar doenças crônicas degenerativas. Ressalta Oliveira e Escrivão (2004) que um bom estado de saúde está associado a hábitos alimentares saudáveis, especialmente com ingestão adequada de cálcio, que deve ser estimulada desde a infância. Seu suprimento no período de formação dos ossos é indispensável para uma melhor densidade óssea, propiciando na idade adulta e terceira idade menor risco de desenvolvimento de osteoporose e, conseqüentemente, de fraturas. Ratifica Almeida et al. (2010), em sua pesquisa, que o consumo de leite pode estar associado à necessidade de cálcio.

Quanto ao hábito e ao comportamento de consumo, pode-se observar que 25% da população idosa de São José do Rio Preto não costuma consumir leite, porém 54% dessa população o consome diariamente. Esses dados demonstram uma oportunidade para a agroindústria alimentícia, uma vez que há ainda 25% da população a ser conquistada.

Tabela 1 - Frequência do consumo de leite por sexo

	não	1 a 2 vezes por semana	3 a 4 vezes por semana	diariamente
Homem	8	6	5	27
Mulher	17	3	7	27

Fonte dados da pesquisa

Entre os consumidores, 41% têm o hábito de tomar leite uma vez ao dia, o período matutino é o preferido por 30% da população pesquisada, porém 29% não indicam qual seria o melhor momento para a ingestão de leite, predispondo-se a consumi-lo a qualquer momento, como demonstra a tabela 2.

Tabela 2 - Frequência do consumo de leite por idade

faixa etária	1 vez por dia	2 vezes por dia	3 vezes por dia	acima de 3 vezes por dia	não consome
60 a 65	8	7	2	1	6
66 a 70	11	2	5	1	8
71 a 75	18	8	1	0	5
76 ou mais	4	3	2	2	6

Fonte dados da pesquisa

Embora 41% da população consuma leite uma vez ao dia, esse índice é baixo quando se busca uma alimentação saudável. Na ótica de Carvalho (2002), o ideal é beber dois copos por dia para garantir uma vida saudável na maturidade e ajudar a evitar problemas. Embora os geriatras recomendem leite desnatado para os idosos, ele está longe de ser o mais consumido. Entre os tipos consumidos, o integral possui a maior fatia de mercado, como mostra a tabela 3.

Tabela 3 - Tipo de leite preferido

	integral	desnatado	em pó	outro tipo	não consome
Homem	19	16	3	0	8
Mulher	28	6	2	1	17

Fonte dados da pesquisa

Quando questionados quanto aos determinantes de compra: marca, preço, qualidade e sabor, foi constatado que 31% dos entrevistados consideram o preço um determinante para a compra, seguido pela qualidade, com 22%. As mulheres, diferentemente dos homens, fazem suas escolhas a partir de qualidade, marca e, por último, preço, como mostra a tabela 4.

Tabela 4 - Qual a característica do leite é mais importante

	marca	preço	qualidade	sabor	não consome
Homem	6	21	9	2	8
Mulher	12	10	13	2	17

Fonte dados da pesquisa

Tal como o leite integral, a embalagem preferida pela população idosa é a Tetra Pak, principalmente por ser mais conveniente e estar correlacionada à praticidade; para Balint (2005), o consumidor busca praticidade da embalagem quanto à conservação do leite, evitando assim a sua ida a supermercado, padaria, etc. para comprar leite. Para a autora

os consumidores descobriram a facilidade desse tipo de embalagem, a qual não precisa de refrigeração e pode ser estocada. Os resultados da pesquisa demonstram que 47% optam pelo leite em embalagem Tetra Pak, o que reforça a ótica de Balint, demonstrada na Figura 5.

Tabela 5 - Embalagem preferida

	Tetra Pak	Saco plástico	Garrafa plástica	não consome
Homem	19	16	3	8
Mulher	28	6	2	17

Fonte dados da pesquisa

Conclusões

Em função da importância do leite na alimentação humana, principalmente para os idosos, objetivou-se identificar, entre a população idosa de São José do Rio Preto/SP, as principais características do comportamento e hábito de consumo desse produto. Dessa forma, foi desenvolvida uma pesquisa com amostragem de 100 moradores do município, utilizando como instrumento um questionário previamente elaborado, para buscar entender as necessidades desses consumidores. Porém retirar informações deste público pode não ser tarefa fácil, sendo as barreiras culturais um dos maiores entraves apresentados.

A maioria dos entrevistados concorda que o leite é um alimento com alto valor nutritivo, seguro, saboroso e prazeroso, e sabe que é recomendado pelos médicos; apenas um quarto rejeitou o produto. Os resultados da pesquisa permitem observar, também, que o consumo diário é inferior ao recomendado pelas organizações de saúde, pois elas sugerem três doses diárias, mas esse consumo acontece apenas uma vez ao dia, de manhã.

O preço do produto é característica importante para a maioria, porém, para o público feminino, a qualidade e a marca são mais importantes que o preço, mostrando assim uma preocupação quanto à qualidade do alimento procurado, e uma oportunidade de desenvolvimento de mercado. O tipo de embalagem mais buscada é a Tetra Pak, fato que mostra a preocupação quanto à maior praticidade de manuseio e durabilidade do produto.

Este estudo mostra a importância de se entender as necessidades dos consumidores, principalmente dos idosos, para que eles sejam mais bem atendidos nessas necessidades. Um estudo com maior aprofundamento em outras áreas alimentícias mostra-se de grande benefício para esta parcela da população, que busca alimentos funcionais e está em ascensão em todo o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABEP. Critério Brasil: o mercado falando a mesma língua. *Pesquisa em Foco*, p. 2-4, dez. 2002. Disponível em: <www.abep.org/pesquisaemfoco/pesquisa_em_foco_2002-dez.pdf>. Acesso em: 7 dez. 2010.
- ALMEIDA, B. R.; RODRIGUES, R. L. Influência da atividade física e da ingestão de cálcio na osteoporose. *Motriz*, v. 3, n. 1, jun. 1997.
- ALMEIDA I.C.; GUIMARÃES G.F.; REZENDE D. C. de; SETTE R.S. Hábitos alimentares da população idosa: Padrões de compra e consumo. In: SEMEAD. 2010. *Anais Eletrônicos*. XIII. SEMEAD, 2010.
- ALVENSLEBEN, R.V. Consumer behavior. In: PADBERG D. I.; RITSON, C.; ALBISU L. M. (Orgs.). *Agro-food marketing*. New York: Cabi Publishing, 1997.
- ARAÚJO, T. C. N.; ALVES, M. I. C. *Perfil da população idosa no Brasil. Textos sobre envelhecimento. Programas para a terceira idade: algumas reflexões*. Rio de Janeiro: Unati/Uerj, Ano 3, n. 3, 2000.
- AUGUSTINHO, E. A. S. *A importância do leite* (Relatório de Estágio Supervisionado). Curso de Farmácia. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2007.
- BALINT, V. *Desenvolvimento de embalagens avança no Brasil*. 2005. Disponível em: <www.dipemar.com.br/leite/69/materia_especial_leite.htm>. Acesso em: 7 dez. 2010.
- BALLSTAEDT, A. L. M. P. *Comportamento e estilo de vida da população idosa e seu poder de consumo*. 2007. Disponível em: <http://fido.palermo.edu/servicios_dyc/encuentro2007/02_auspicios_publicaciones/actas_diseno/articulos_pdf/A004.pdf>. Acesso em: 8 dez. 2010.
- BECKER, T. *The Economics of Food Quality Standards. Second Interdisciplinary Workshop on Standardization Research*. University of the Federal Armed Forces Hamburg, 24-27 May 1997.
- BEDANI, R.; ROSSI, E. A. *O consumo de cálcio e a osteoporose*. Semina: Ciências Biológicas e da Saúde, Londrina, v. 26, n. 1, p. 3-14, jan./jun. 2005.
- BORTOLETO, E. E.; CHABARIBERY, D. *Leite e derivados: entraves e potencialidades na virada do século*. Informações Econômicas, São Paulo: Instituto de Economia Agrícola, v. 28, n. 9, set. 1998.

- CARVALHO, G.; CARNEIRO, A. V. *Principais indicadores – Leite e derivados*. Boletim eletrônico mensal, Juiz de Fora: Embrapa Gado de Leite, v. 2, n. 18, 3 dez. 2009. Disponível em: <www.cileite.com.br/publicacoes/arquivos/2009_12_Indicadores_leite.pdf>. Acesso em: 7 dez. 2010.
- CARVALHO, L.A.; et al. *Sistema de Produção de Leite (Cerrado)*. Boletim eletrônico mensal. Embrapa Gado de Leite, 2002. Disponível em: <<http://www.sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Leite/LeiteCerrado/importancia.html>> Acesso em: 7 de dez. 2010,.
- CÔNSOLI, M. A.; NEVES, M. F. *Estratégias para o leite no Brasil*. São Paulo: Atlas, 2006.
- ENGEL, J. F.; BLACKWELL, R. D.; MINIARD, P. W. *Comportamento do consumidor*. 8. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2000.
- FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION (FAO). *Conferencia Mundial de Alimentos*. Roma: FAO, 2008.
- FARINA, E. M. et al. *Leite informal: uma nova versão do problema*. Balde Branco, São Paulo, ano 36, n. 343, p 48-51, dez. 2001.
- IBGE, *Diretoria de Pesquisas*, Coordenação de Índice de Preços. Estudo Nacional de Despesas Familiar 1974-1975, Pesquisa de Orçamentos Familiares 2002-2003. Disponível em: <[/home/presidencia/noticias/19052004pof2002html.shtm](http://home/presidencia/noticias/19052004pof2002html.shtm)>. Acesso em: 6 dez. 2010.
- LÁCTEA BRASIL. *Pesquisa mostra as consequências da queda do consumo de leite pelas crianças. 2 de fevereiro de 2004a*. Notícia extraída do site: www.globo.com/jornalnacional. Disponível em: <www.lactea.org.br/>. Acesso em: 5 dez. 2010.
- LÁCTEA BRASIL. *Iogurte e leite desnatado estão na lista dos 10 alimentos mais importantes*. 30 de julho de 2004b. Disponível em: <www.lactea.org.br/>. Acesso em: 5 dez. 2010.
- MAPA, MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. Disponível em: <www.agricultura.gov.br/>. Acesso em: 1 dez. 2010.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Estatuto do Idoso*. Série E; Legislações de Saúde. Brasília-DF, 2003.
- OLIVEIRA, F. L.; ESCRIVÃO, M. A. M. Osteoporose. In: LOPEZ, F. A.; BRASIL, A. L. D. *Nutrição e dietética em clínica pediátrica*. São Paulo: Atheneu, 2004. p. 189-199.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAUDE (OMS). Disponível em: <www.who.int/>. Acesso em: 25 nov. 2010n.
- ONU, ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Disponível em: <www.onu-brasil.org.br/>. Acesso em: 5 dez. 2010.
- RELVAS, K. *Hábitos de compra e consumo de alimentos de idosos nas cidades de São Paulo, Porto Alegre, Goiânia e Recife*. 2006. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Universidade de Brasília e Universidade Federal de Goiás.
- SANDHUSEN, R. *Marketing básico*. São Paulo: Saraiva, 1998.
- TEIXEIRA, D. J.; CALIC, C.; OLIVEIRA, C. C. G. *Estratégias de marketing de varejo voltadas para os consumidores idosos*. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2006.
- VERAS, R.P. *País jovem com cabelos brancos: a saúde do idoso no Brasil*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- ZOCCAL, R. *Estatísticas de consumo*. 2007. Disponível em: <www.agencia.cnptia.embrapa.br/Agencia8/AG01/arvore/AG01_168_21720039245.html>. Acesso em: 1 dez. 2010

Entrevista: **Valdete da Silva Cordeiro**

Valdete da Silva Cordeiro nasceu na Bahia e mora em Minas Gerais, tem 73 anos e uma vida ativa. Valdete acredita no grupo, no apoio mútuo, na solidariedade como forma de transformar a realidade à sua volta. Com seu sorriso aberto e franco nos recebeu para uma entrevista, quando esteve em São Paulo para mais uma apresentação das *Meninas de Sinhá*, grupo que formou e organizou, com o objetivo de ajudar as mulheres de sua comunidade.

REVISTA Conte para nós onde a senhora nasceu e um pouco sobre sua família.

VALDETE Meu nome é Valdete da Silva Cordeiro, tenho 73 anos, nasci na Bahia, Cidade da Barra, perdi meus pais muito cedo, eu era criança, eles morreram de tuberculose, porque eram indigentes. Fui criada pela minha madrinha de crisma porque, antigamente, quando os pais morriam, os padrinhos que criavam os afilhados.



REVISTA Como foi morar Belo Horizonte?

VALDETE O marido da minha madrinha foi transferido em Pirapora e de lá viemos para Belo Horizonte. Devo ter vindo com a idade de cinco anos, porque eu não sei também a data em que eu nasci.

REVISTA Que lembranças você tem de sua infância?

VALDETE Eu morava em Bairro Funcionários, que é um bairro de classe média alta, e eu tinha muita amizade com as crianças da vizinhança. Quem morava lá era médico, advogado, e eu lá no meio. Eu era convidada para todos os aniversários e eu ia. Mas, me chamou a atenção foi o aniversário do filho do secretário da educação, que foi no palácio do governo. Eu fui nesse aniversário, e o tema era Branca de Neve e os Sete Anões. Tinha um jardim no fundo do palácio, e lá puseram a Branca de Neve, os sete anões. Aquilo, me fez vir na minha cabeça “__Gente, e eu que nunca fiz aniversário?”. Pensei “__Quero saber” e perguntei para minha mãe “__Que dia faço aniversário?” e ela respondeu: “_Não sei”.

REVISTA E como você reagiu a isso?

VALDETE Ah eu pensei “__Mas eu tenho que fazer aniversário”. Como eu gostava muito do sete de setembro, do desfile de sete de setembro eu falei “__Ah! Vou fazer aniversário no dia sete de setembro...mas eu tenho que fazer uma festa, todo mundo faz festa, tenho que fazer a minha”. Como eu fazia muitos favores às pessoas – comprar jornal, ir à padaria - eu comecei a cobrar um tostão, porque eu queria fazer a festa do meu aniversário, e fui juntando. Quando chegou no dia sete de setembro, minha casa ficava a três quarteirões da avenida Afonso Pena, fui ver o desfile, e, na volta, já fui passando na casa dos meninos e convidando todo mundo para meu aniversário. Fui no botequim, comprei todos aqueles doces, cocada, pé-de-moleque, comprei todos aqueles doces com o dinheiro, cheguei em casa piquei em pedacinhos, e fiquei esperando o pessoal. Daí eu olhei e falei “__Ué, gente, não tem bolo. Como eu faço?” Peguei uma caixa de sapato, embrulhei uma caixa de sapatos e pus as velas, foi o meu bolo. Para mim, foi uma festa, para os meninos foi melhor ainda, eles não estavam acostumados a comer doce de boteco, porque os pais não deixavam. Então, pela primeira vez eles comeram doce de boteco e foi meu primeiro aniversário, dia sete de setembro.

REVISTA Você estava na escola?

VALDETE Nessa época eu ainda não estava na escola não. Eu tinha muita vontade de estudar, mas eles me criaram assim, eu comia bem, dormia bem, mas eles não se preocupavam em me por na escola, me educar, catecismo, nada disso. Eu tinha uma amiga que morava na favela e ela era minha colega de catecismo e ela estudava no colégio Dom Pedro II. Ela disse “__Olha, você chega para a diretora, diz que mora lá onde eu moro, porque se você disser que mora aqui, ela não vai deixar, e você fala que mora com sua avó e fala que ela é doente, e não pode vir fazer sua matrícula e ela faz para você”. Eu fui lá falar com a diretora, e ela me matriculou e estudei o primeiro e segundo ano e quando eu ia fazer o exame para o terceiro, eles me deram o castigo de não ir a escola. Eles me davam castigo de vez em quando e o castigo era não ir à escola. E era a última prova de Matemática. Eu tinha que fazer, mas não fui e não fiz a prova. Andando na rua, encontrei minha professora e me encontrei com ela e ela disse “__Valdete, você, minha melhor aluna, não foi fazer a prova.” Eu fiquei com vergonha, baixei a cabeça, não disse nada, só que nunca mais fui à escola.

REVISTA Você escolheu sua data de aniversário e se registrou, não é isso?

VALDETE Isso mesmo, quando chegou minha adolescência, eu vi que todo mundo tinha documento, carteira de identidade, carteira de trabalho e eu queria ter um documento também. Tinha uma vizinha que o marido era candidato a alguma coisa e ela me disse “__Olha, se você votar no meu marido, eu faço sua carteira... mas você deve ter uns 16 anos, eu vou aumentar sua idade dois anos.” Eu votei e ela me deu o documento, mas quando eu precisei de registro, rodei todos cartórios de Belo Horizonte, mas não achei. Ela me deu só o título de eleitor. Aí eu mesma fui me registrar. Cheguei no cartório, a moça me perguntou “__Como chama seu pai?” eu falei “__Manoel da Silva.” saiu na hora. “__E sua mãe?” “__Ermelina da Silva”. Então ficou Valdete da Silva. Eu coloquei a idade pelo título de eleitor, 1938, então, nome dos pais, eu inventei na hora. Fiquei Valdete da Silva e dia sete de setembro ficou meu aniversário. Tudo inventado e ficou resolvido.

REVISTA Como você saiu da casa de seus pais?

VALDETE Fui trabalhar em casa de família, que era a única coisa que eu sabia fazer. Eu queria comprar meu perfume, queria ter meu pó de arroz, meu batom. Ela era costureira, mas não me ensinava, Eu só sabia cozinhar, lavar. Uma parenta dela tinha duas amigas que iam receber uma visita de São Paulo e a prima ia passar uns dias lá em Belo Horizonte. Como trabalhavam, precisavam de uma pessoa para ficar quinze dias com elas. Essa prima da minha mãe de criação pediu e ela permitiu que eu fosse. Fiquei cinco anos. Fui para ficar quinze dias e sai de lá casada.



“E TINHA UMA MULHER QUE IA LÁ NO CENTRO COMUNITÁRIO E EU PERGUNTEI COMO A GENTE FAZIA PARA TER ÁGUA, LUZ E ELA FOI EXPLICANDO COMO FAZIA. QUE A COMUNIDADE TINHA QUE SE JUNTAR, QUE TINHA QUE CORRER ATRÁS E EU COMECEI A CONVIDAR UMAS VIZINHAS E FAZIA REUNIÕES EM CASA, MAS EU QUERIA CHAMAR A COMUNIDADE. DAÍ EU PENSEI EM FAZER UM TEATRO PARA CHAMAR A ATENÇÃO DA COMUNIDADE.”

REVISTA Como e quando você foi morar na comunidade de Alto Vera Cruz?

VALDETE Meu marido foi jogador profissional, não tinha muito valor e ele ganhava uma micharia. Mudamos para Formiga, depois para Campo Belo e voltamos para Belo Horizonte. Não voltei para a mesma casa porque eu tinha vergonha de voltar com quatro filhos. Minha mãe já tinha morrido, e meu pai morava com outra pessoa, então, ficava difícil. Como eu tinha uma irmã de criação que morava na favela de Alto Vera Cruz, eu fui para lá. Só que cheguei lá, era uma casa de três cômodos e ela estava com uma sobrinha, então, uma amiga da minha sogra me chamou para ir morar com ela e eu fui para lá com meus quatro filhos. Lá, eu fiquei. Depois, minha irmã me deu um pedacinho de terreno e lá construí meu barraco onde moro até hoje.

REVISTA Foi nesse espaço que você deu início a ações comunitárias, conte como foi?

VALDETE Na favela, naquela época, não tinha luz, não tinha rua, não tinha escola, não tinha água, não tinha nada. Como eu fui criada no Bairro funcionário, comecei a pensar, porque lá tem e aqui não tem? E tinha uma mulher que ia lá no Centro comunitário e eu perguntei como a gente fazia para ter água, luz e ela foi explicando como fazia. Que a comunidade tinha que se juntar, que tinha que correr atrás e eu comecei a convidar umas vizinhas e fazia reuniões em casa,



“UM DIA ENTREI NO PS E COMECEI A CONVERSAR COM ELAS. ELAS NÃO DORMIAM, NÃO COMIAM SE NÃO TOMASSEM REMÉDIO. FUI EMBORA PENSANDO, QUE TINHA QUE AJUDAR ESSAS MULHERES, MAS NÃO SABIA COMO FAZER.”

mas eu queria chamar a comunidade . Daí eu pensei em fazer um teatro para chamar a atenção da comunidade. Mas como fazer o teatro? Nós fomos inventando a peça de teatro. Era um marido, que levava todo dia arroz e chuchu na marmita e era uma sala de uma senhora, e os vizinhos estavam lá conversando, e o marido chega e fala, não aguento mais levar chuchu para o trabalho e ela diz, mas você não luta pelo seu salário, não é comadre? E começa a falar, tem que lutar pela água, pela luz e a gente fazia todo fim de semana. A gente pegava um caminhão velho, e fazíamos o teatro.

REVISTA E quem participava das peças?

VALDETE Eram as vizinhas e o Paulão. Esse Paulão foi até vereador, ele fazia teatro na igreja e nós puxamos ele para nos ajudar. Eram umas dez pessoas e tinha criança também que pedia para fazer teatro. E a gente fazia sobre tudo que acontecia no bairro. Uma mulher era despejada, então, a gente ia lá para saber o que aconteceu e fazia o teatro e assim nós fomos fazendo teatro e correndo atrás de melhoria para o nosso bairro. Primeiro veio a água, depois a luz, depois as ruas.

REVISTA Esse movimento foi em que período?

VALDETE Há uns 30, 40 anos atrás. Data, eu não guardo. Nesse trabalho da melhoria do bairro, eu trabalhei fora, trabalhei em hospitais, em diversos lugares. Tinha um órgão do governo lá que atendia crianças e adolescentes, Centro Comunitário de apoio a crianças e adolescentes, e eu fui voluntária lá também.

REVISTA Como você se envolveu no trabalho com as mulheres?

VALDETE Teve um concurso do estado para trabalhar nesse Centro, eu prestei e passei. Trabalhava de faxineira. Foi nessa época que comecei a notar que quando eu ia para o trabalho, e passava em frente do Posto de Saúde, via muitas mulheres saindo com a sacola de remédios. Eu implicava com aquilo. Um dia entrei no PS e comecei a conversar com elas. Elas não dormiam, não comiam se não tomassem remédio. Fui embora pensando, que tinha que ajudar essas mulheres, mas não sabia como fazer.

REVISTA E como você descobriu como agir?

VALDETE Numa reunião que a gente fazia da Associação todo mês eu falei sobre isso. O presidente, não falava mas dava dicas, falou “__Chama pra bater um papo”.

REVISTA E você fez isso?

VALDETE Fiz, fui lá e convidei-as para tirar uma horinha para conversar. E elas disseram que não tinham tempo para isso, não. Eu falei “__Olha, eu trabalho fora, cuido da minha casa e tenho um tempinho para conversar com vocês”, eu fui todos os dias, até que consegui que algumas se reunissem.

REVISTA E como era essa conversa e o que vocês faziam?

VALDETE Cada uma contava sua vida, sua história. Elas gostaram e começaram a levar outras e foi aumentando o numero de mulheres. Começamos a fazer trabalhos manuais: fuxico, tapetes, bichinhos e a ganhar um dinheirinho vendendo tapetes. Mas elas continuavam a tomar remédios, não queriam saber de nada e eu pensava “__O que eu faço?” Daí teve uma festa no bairro e uma professora disse “__Olha gente, aqui tem expressão corporal para idoso e para gestante.” “__É isso que eu quero para meu grupo.” Pensei. Conversei com ela, expliquei sobre o grupo quase 60 mulheres, que fazia trabalhos manuais, mas que precisava mais de algo para se mover. Ela se ofereceu para ajudar se a prefeitura cedesse algumas horas de seu trabalho. Nessa hora passou o diretor da secretaria da cultura, puxei ele e contei o caso. Ela ficou conosco por seis meses. Quanto terminou ela disse “__Valdete, você está apta para tomar conta do seu grupo, não precisa mais de mim.” Eu trabalhava o corpo com elas. O que eu aprendo, eu faço. Comecei a trabalhar que somos bonitas como crianças, como adolescentes, como jovens e com a nossa idade. A gente tem que se achar bonita como somos. E falei, agora, o que precisa é vocês pararem de tomar remédios para dormir, para ficarem mais bonitas, melhorar a pele e a vaidade foi aparecendo.

REVISTA E as apresentações como começaram?

VALDETE Foi em uma festa grande da prefeitura. Não me pergunte que ano, era época da copa. Tinha duas mil pessoas, foi na rua. O que

tinha? Tinha dança afro, tinha hip hop, rock, pessoal jovem que fazia a festa. Chegou a nossa vez, a moça falou “__ Agora, vamos apresentar o grupo Lar Feliz, vamos aplaudi-lo”. O grupo escolheu o nome Lar Feliz. Nós subimos e quando começou a música, com a gente no palco, que silêncio. A gente só ouvia os carros passando ao longe. Quando terminamos foi só aplausos, foi cheio de lágrimas. A Cristina, da Secretaria da Cultura também chorou. Porque lá, nessa época, ninguém sabia ainda o que era um grupo da terceira idade. Foi o primeiro grupo de terceira idade que eles viam em cima de um palco.

REVISTA Qual a idade das mulheres do grupo?

VALDETE Sessenta, setenta e poucos. Daí para cima. Quando nós descemos, todo mundo aplaudiu. E fomos chamadas para ir a vários lugares. Até na polícia militar fomos convidadas para apresentar expressão corporal. Em festas das prefeituras nos chamavam.

REVISTA O grupo continuou com as reuniões e as apresentações?

VALDETE Sim, a gente se encontrava três dias da semana. Na sexta tirava para fazer brincadeiras: chicotinho..., papa mel, roda, aquelas brincadeiras de infância. Toda vez que a gente terminava de brincar, elas falavam “__ Vamos brincar de roda?” Em uma reunião eu falei “__ A gente precisa resgatar essas brincadeiras de roda, levar para a praça, para a escola, para a creche”

REVISTA Qual foi a reação do grupo?

VALDETE Na hora todas concordaram. Toda sexta elas traziam uma cantiga de roda que lembrava a cidade delas. Até que um rapaz que trabalhava na secretaria da cultura, decidiu me ajudar. Toda sexta-feira, ele levava o gravador e gravava as músicas que elas traziam. Depois, elas foram para o bairro fazer pesquisa com aquelas senhoras que eram mais idosas ainda, para elas cantarem cantigas da época delas e iam gravando. Depois de tudo arrumadinho, decidimos ensaiar essa roda para apresentar.





“EU TIVE SIM RESISTÊNCIA DOS MARIDOS. TEVE UM DELES QUE FALOU QUE SE FOSSE UM TRATOR PASSAVA EM CIMA DE MIM. A MULHER DELE ERA DAQUELAS QUE SÓ FICAVA NO PORTÃO, CUMPRIMENTAVA A GENTE DO PORTÃO. A MÃE DELA JÁ ESTAVA NO GRUPO, A IRMÃ TAMBÉM E TENTANDO LEVAR ELA. NÃO TINHA JEITO, TOMANDO SEMPRE REMÉDIO. DEPOIS FUI PUXANDO, PUXANDO, E CONSEGUI LEVAR.”

REVISTA Como o nome do grupo mudou para Meninas de Sinhá?

VALDETE Um dia uma delas falou “__ Vamos mudar o nome do grupo? Estamos muito assanhadas e esse nome não assenta mais.” Mas eu sabia que não era isso. Elas não queriam carregar mais o lar para elas. Libertaram-se! Decidimos fazer uma pesquisa e escolher outro nome para o grupo. Elas descobriram que havia um grupo de maculelê chamado Meninos de Sinhá e esse grupo acabou. Decidiram por um “a” e ficou Meninas de Sinhá. Concordei desde que soubessem o que é “Sinhá”.

REVISTA E como o grupo Meninas de Sinhá começou a apresenta-se e quando foi?

VALDETE Havia um centro cultural que estava ficando pronto e na inauguração nos convidaram para fazer a brincadeira de roda. Pensamos “__Tem que ter uma roupa bonita para chamar a atenção. Como vamos fazer?” Conseguimos na secretaria de cultura o tecido e um figurinista. Ele desenhou o modelo, as meninas que costuravam fizeram a roupa. Era uma saia estampada e uma blusinha branca de manguinha. Nos apresentamos no Centro Cultural há 15 anos, no dia 8 de dezembro. Essa data eu guardei. Dessa época que nos apresentamos até agora já rodamos o Brasil inteiro, já gravamos o segundo CD, e se você me perguntar como chegamos até aqui eu não sei dizer. Só sei te dizer que tudo que a gente faz com amor, cresce. E é muito bom.

REVISTA Nada foi planejado?

VALDETE Foi por amor, igual a minha vida. Inventei. O grupo também foi inventando. Com as mulheres, também não houve resistência.

REVISTA E houve alguma resistência por parte das famílias?

VALDETE Agora que vou chegar a isso com você. Então, eu consegui aumentar a autoestima, libertaram-se, as mulheres eram escravas. Eu tive sim resistência dos maridos. Teve um deles que falou que se fosse um trator passava em cima de mim. A mulher dele era daquelas

que só ficava no portão, cumprimentava a gente do portão. A mãe dela já estava no grupo, a irmã também e tentando levar ela. Não tinha jeito, tomando sempre remédio. Depois fui puxando, puxando, e consegui levar. Por parte dos filhos, também, houve um pouco, porque era aquela mãe que dava tudo nas mãos dos filhos. Ela achava que era obrigada a fazer isso porque os filhos estudavam e ela começou a sair e deixava a comida no fogão.

REVISTA As atividades de expressão corporal continuam?

VALDETE Sim, ainda tem expressão corporal, mas agora com uma professora, porque com a artrose eu não dei conta mais de fazer. Na ensaiamos o repertório, continua do mesmo jeito. Então o que eu consegui, as mulheres se libertaram, se reconheceram como mulheres e hoje participam das atividades da comunidade, saúde, de tudo.

REVISTA Como esse trabalho se refletiu nas relações, na comunidade?

VALDETE Hoje, a família, pelo menos, a família elogia. Os maridos reconhecem o valor. As mulheres são exemplo para a comunidade. As mulheres com netas levavam eles para assistirem em praças. Então, os netos e netas, começaram a querer vestir igual à avó, querer cantar, querer ser igual à avó. Então, formei as Netinhas da Sinhá, o vestido parecido, tal. Como o grupo já estava começando a se apresentar, aonde a gente ia levava. Então os meninos começaram a pedir para participar e queriam ser os Netinhos da Sinhá. Meu neto tocava violão e o amigo dele cantava, então chamei os dois e pedi ajuda. Fizemos um projetinho a diretora, do lugar que trabalho, gostou do projeto, deu um jeito de comprar instrumentos para eles tocarem. Então, hoje, esse grupo chama Alto Batuque. Eles se apresentam também em vários lugares, e começamos também com o Rap, quando veio a ideia do CD. Nos apresentamos no SESC Pompéia e tivemos a ideia de gravar um CD.

REVISTA Como você se sente por tantas mudanças na vida delas?

VALDETE Ah, eu nem sei o que sinto. Acho que cresci muito com elas. Eu aprendi muito com elas. Cada um tem um jeito de ser. Uma é mais quietinha, mais observadora, outra é muito carinhosa, e você vai pegando o jeitinho com elas. Eu cresci muito como pessoa.

REVISTA É um grupo grande, existe algum conflito?

VALDETE Existe sim. Coisas de implicância uma com a outra, coisas assim. Eu lido, conversando. Uma reclama da falta de paciência da outra, eu resolvo conversando. É mesmo como mãe com as filhas. Eu considero como minhas filhas, tanto as mais novas quanto as mais velhas.

REVISTA E o seu processo de envelhecimento, você já parou para pensar sobre isso?

VALDETE A única coisa que me incomodou de dois anos para cá foi minha saúde. Eu tive um problema muito sério de sentimento, e esse sentimento me levou à diabete. Eu nunca tinha tomado remédio. De repente eu entrei em coma, por causa da diabete. Isso me deixou muito chateada, e custei a me conformar para aceitar a doença, mas aceitei. E a artrose também, estou chegando à velhice, mas só meu corpo, porque a mente continua a mesma.

REVISTA E o envelhecimento das Meninas de Sinhá?

VALDETE Eu não vejo o envelhecimento delas, eu as vejo como entraram, do mesmo jeito. Tem a Geraldinha que está com 92 anos, cabecinha ótima. Agora, eu perdi algumas que faleceram. Algumas não andam mais, a gente visita (...) envelhecer, a gente sabe que isso vai acontecer então, a gente leva isso com tranquilidade.

REVISTA Você considera todo esse percurso um movimento do grupo?

VALDETE Sim, eu não sou a cabeça, o grupo tem que decidir junto. O grupo não é meu, de jeito nenhum. É um grupo. Todo mundo faz tudo junto. Resolvem tudo junto, isso é importante também.

REVISTA Como você vê seu futuro?

VALDETE Eu já tenho bisneto, isso já foi um sonho realizado. Tenho quatro bisnetos, estou feliz da vida com eles e o futuro é continuar com meu trabalho. Eu só penso assim, quero gravar um DVD com as meninas. Nós não temos uma sede, nós usamos uma sala de uma Associação e meu sonho é ter uma sede para a gente colocar os troféus, nossas coisas. Eu tenho dois sonhos e o outro é voltar a minha terra, eu sonho com isso. E vou filmar, já tenho até quem vai filmar a minha viagem a minha terra.



REVISTA Estamos terminando nossa entrevista você quer contar mais alguma coisa?

VALDETE Só quero contar uma coisa. Eu tinha paixão para conhecer o Vale do Jequitinhonha, por causa da cultura do vale, porque eu sou baiana e o vale puxa,,! Fizemos um projeto, viajamos para as cidades pobres e comecei a formar grupos com as mulheres de lá. Fazia reuniões grandes, e falava para as mulheres dos direitos delas, das suas vidas, da liberdade delas, das dores que elas sentiam em casa. Sempre brincando com elas de roda. Em cada cidade, fazia alguma coisa e falava sobre os grupos. Depois pensei “__Fui lá no Vale há tanto tempo, falei dos grupos, será que deu resultado, será que plantei uma semente?” Tornei a voltar. Todas as cidades que nós fomos tinham formado grupos. As lavadeiras fizeram um grupo de crianças... Eu chorei emocionada. Foi maravilhoso. É uma pena eu não poder ir mais, porque é longe. Da última vez que estive lá, tinha umas mulheres que só faziam expressão corporal. Eu falei “__ Vocês sabem tanto canto de roda, tanto verso de roda, porque não formam um grupo de roda para vocês cantarem também?”

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DE ARTIGOS

REVISTA A TERCEIRA IDADE: ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO

A revista A TERCEIRA IDADE é uma publicação interdisciplinar, editada desde 1988 pelo SESC – São Paulo, quadrimestral, e dirigida aos profissionais que trabalham com idosos. Tem como objetivo estimular a reflexão e a produção intelectual sobre Gerontologia e seu propósito é publicar artigos técnicos e científicos nessa área, abordando aspectos da velhice (físico, psíquico, social, cultural, econômico etc.) e do processo de envelhecimento.

NORMAS GERAIS

Os artigos devem seguir rigorosamente as normas abaixo, caso contrário, não serão encaminhados para a Comissão Editorial.

- Os artigos não precisam ser inéditos, basta que se enquadrem nas normas para publicação, que serão apresentadas a seguir. Quando o artigo já tiver sido publicado deve ser informado em nota à parte sob qual forma e onde foi publicado (Revista; palestra; comunicação em congresso etc.)

- Ao(s) autor(es) será(ão) solicitado a Cessão de Direitos Autorais –conforme modelo SESC SP – quando da aceitação de seu artigo. Os direitos de reprodução (copyright) serão de propriedade do SESC SP, podendo ser reproduzido novamente em outras publicações técnicas assim como no Portal SESC SP www.sescsp.org.br

- Os conceitos emitidos no artigo são de inteira responsabilidade dos autores, não refletindo, obrigatoriamente, a opinião da Comissão Editorial da Revista.

- Todos os artigos enviados, e que estiverem de acordo com as Normas, serão analisados pela Comissão Editorial que opinará sobre a pertinência ou não de sua publicação. No caso de aceitação do artigo, o(s) autor(es) será(ão) contatado(s) pelo correio eletrônico, ou outro meio que tiver informado, e terá(ão) direito a receber 03 (três) exemplares do número em que seu artigo for publicado.

Os artigos devem ser enviados para o endereço eletrônico revista3idade@sescsp.org.br

- O(s) autor(es) deve(m) enviar uma breve nota biográfica contendo: o(s) nome(s); endereço completo; endereço eletrônico, telefone para contato; se for o caso, indicação da instituição principal à qual se vincula (ensino e/ou pesquisa) e cargo ou função que nela exerce.

- Os direitos de reprodução (copyright) dos trabalhos aceitos serão de propriedade do SESC, podendo ser publicados novamente em outra publicação técnica. O autor também autoriza disponibilização no sítio sescsp.org.br

- Os trabalhos aceitos serão submetidos à revisão editorial e apenas modificações substanciais serão submetidas ao(s) autor(es) antes da publicação.

APRESENTAÇÃO DOS ARTIGOS

a) Os ARTIGOS deverão ser apresentados na forma de arquivo digitado em editor de texto compatível da Microsoft (por exemplo: Word for Windows) e devem conter entre 15.000 e 25.000 caracteres, sem espaço, no total. Isto é, incluindo resumo, abstract, bibliografia .

b) O RESUMO deve apresentar de forma concisa o objetivo do trabalho, os dados fundamentais da metodologia utilizada, os principais resultados e conclusões obtidas e conter aproximadamente 200 palavras. Deve vir acompanhado por até cinco palavras que identifiquem o conteúdo do trabalho, as palavras-chave.

c) O ABSTRACT também deve conter aproximadamente 200 palavras e vir acompanhado por até cinco palavras que identifiquem o conteúdo do trabalho, as keywords.

d) O ARTIGO deve conter as seguintes partes: Introdução, Desenvolvimento e Conclusão ou Considerações Finais, não necessariamente com essa denominação.

e) As referências bibliográficas, notas de rodapé e citações no texto deverão seguir as normas da ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas ou as Normas de Vancouver.

f) Toda e qualquer citação no texto, seja formal (transcrição), seja conceptual (paráfrase) deve ter obrigatoriamente identificação completa da fonte. Esta identificação aparecerá sob a forma de referência bibliográfica e deve ser colocada no texto (sobrenome do autor, ano e página de onde foi extraída a citação).

g) As notas sejam de referência, sejam explicativas, devem ser numeradas consecutivamente em algarismos arábicos na ordem em que surgem no texto e podem aparecer em notas de rodapé ou no final do artigo.

h) ILUSTRAÇÕES: As ilustrações (gráficos, fotografias, gravuras etc) devem ser utilizadas quando forem importantes para o entendimento do texto. Pede-se que fotos (mínimo 300 dpi), mapas, gráficos ou tabelas tenham boa resolução visual, de forma que permitam a qualidade da reprodução. As ilustrações deverão ser numeradas no texto e trazer abaixo um título ou legenda, com indicação da fonte/autor.

i) FOTOS: No caso de utilização de fotos, estas devem vir acompanhadas de autorização de veiculação de imagem do fotografado e com crédito e autorização de publicação do fotógrafo. (Modelo SESC SP). As fotos deverão ser encaminhadas para o e-mail da Revista, em alta resolução, mínimo de 300 dpi.

O SESC – Serviço Social do Comércio é uma instituição de caráter privado, de âmbito nacional, criada em 1946 por iniciativa do empresariado do comércio e serviços, que a mantém e administra. Sua finalidade é a promoção do bem-estar social, a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento cultural do trabalhador no comércio e serviços e de seus dependentes – seu público prioritário – bem como da comunidade em geral.

O SESC de São Paulo coloca à disposição de seu público atividades e serviços em diversas áreas: cultura, lazer, esportes e práticas físicas, turismo social e férias, desenvolvimento infantil, educação ambiental, terceira idade, alimentação, saúde e odontologia. Os programas que realiza em cada um desses setores têm características eminentemente educativas.

Para desenvolvê-los, o SESC SP conta com uma rede de 32 unidades, disseminadas pela Capital, Grande São Paulo, Litoral e Interior do Estado. São centros culturais e desportivos, centros campestres, centro de férias e centros especializados em odontologia e cinema.

Conselho Regional do SESC

2010-2014

Presidente: Abram Abe Szajman

Membros Efetivos: Benedito Toso de Arruda, Cícero Bueno Brandão Júnior, Dulcina de Fátima Golgato Aguiar, Eládio Arroyo Martins, Euclides Carli, Jair Toledo, João Herrera Martins, José Maria de Faria, José Maria Saes Rosa, José Roberto de Melo, Luiz Carlos Motta, Manuel Henrique Farias Ramos, Milton Zamora, Paulo João de Oliveira Alonso, Rosana Aparecida da Silva, Silvío Gonzáles, Wallace Garroux Sampaio, William Pedro Luz

Membros Suplentes: Aparecido do Carmo Mendes, Ariovaldo Maniezo, Arnaldo José Peralini, Atilio Machado Peppe, Célio Simões Cerri, Dan Guinsburg, Flávio Martini de Souza Campos, José de Sousa Lima, Mariza Medeiros Scaranci, Natal Léo, Oswaldo Bandini, Paulo Roberto Gullo, Pedro Abrahão Além Neto, Rafik Hussein Saab, Raul Cocito, Reinaldo Pedro Correa, Roberto Eduardo Lefèvre, Vicente Amato Sobrinho

Diretor do Departamento Regional: Danilo Santos de Miranda

Representantes do Conselho Regional junto ao Conselho Nacional

Membros Efetivos: Abram Abe Szajman, Ivo Dall'Acqua Júnior, Rubens Torres Medrano

Membros Suplentes: Aldo Minchillo, Costábile Matarazzo Júnior, Ozias Bueno



SESC
sescsp.org.br



VALDETE DA SILVA